

ESTIMULAÇÃO PRECOCE - DUPLA DEFICIÊNCIA - MENTAL E  
AUDITIVA - UMA TENTATIVA DE PROPOSTA

Projeto de Monografia apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial, da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

1986

ESTIMULAÇÃO PRECOCE - DUPLA DEFICIÊNCIA - MENTAL E  
AUDITIVA - UMA TENTATIVA DE PROPOSTA

por

MARILEUZA PIRES ASSUNÇÃO

Orientadora da Monografia:

  
(Denise Grein Santos)

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	1
1.1. JUSTIFICATIVA .....	1
1.2. PROBLEMA .....	2
1.3. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA .....	2
OBJETIVOS .....	3
DEFINIÇÃO DE TERMOS .....	4
QUESTÕES NORTEADORAS .....	6
<u>Deficiência Auditiva</u>	
4.1. DEFINIÇÃO .....	6
4.2. CLASSIFICAÇÃO E ATENDIMENTO À DEFICIÊNCIA .....	7
4.3. CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA DEFICIENTE AUDITIVA DE 0 A 3 ANOS .....	7
4.4. CAUSAS DA DEFICIÊNCIA AUDITIVA .....	8
<u>Deficiência Mental</u>	
5.1. CONCEITO .....	9
5.2. CLASSIFICAÇÃO E ATENDIMENTO A DEFICIÊNCIA MENTAL ...	10
5.3. CAUSAS DA DEFICIÊNCIA MENTAL .....	11
5.4. TIPOS DE DEFICIÊNCIA MENTAL .....	12
<u>Dupla Deficiência - Mental e Auditiva</u>	
6.1. CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA PORTADORA DE DUPLA DEFI-	

6.2.	RETARDO E DÉFICITS SENSORIAIS .....	15
6.3.	CAUSAS DA DUPLA DEFICIÊNCIA .....	16
6.4.	A AVALIAÇÃO .....	17
6.5.	O DIAGNÓSTICO PRECOCE .....	18
7.0.	PROPOSTA CURRICULAR PARA DUPLA DEFICIÊNCIA (Mental e Auditiva) .....	19
8.0.	SUGESTÕES DE ATIVIDADES DE ESTIMULAÇÃO .....	56
8.1.	PRIMEIRO ANO DE VIDA .....	56
8.2.	SEGUNDO ANO DE VIDA .....	70
8.3.	TERCEIRO ANO DE VIDA .....	95
	METODOLOGIA .....	106
	CONCLUSÃO .....	107
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	110

## I. INTRODUÇÃO

### 1.1. JUSTIFICATIVA

A Educação Especial Brasileira, amparada pela Lei 5692, traz implícita a oportunização de educação sistemática para todas as pessoas portadoras de deficiência, seja física, mental ou sensorial.

É dever da sociedade procurar integrar todos os seus membros, mesmo os mais necessitados, garantindo-lhes o seu valor como ser humano, e procurando minimizar suas defasagens de vida normal, dando-lhes oportunidades de se sentirem participativos, agentes da comunidade que vivem. (Princípio de Normalização - Mainstream).

Dentro de cada tipo de deficiência, torna-se necessário um programa operativo específico, que permita realizar plenamente esta tarefa.

Considerando-se as experiências vividas pelo pesquisador, constatou-se a necessidade de formulação de uma proposta que venha atender a criança portadora de dupla deficiência (mental e auditiva), e que sirva de subsídios aos pais dessas crianças, e aos professores especialistas, que atuam nesta área.

Este trabalho em Estimulação Precoce, foi escolhido devido a importância assumida pelo desenvolvimento ocorrido nos primeiros anos de vida, em que a criança apresenta possibilidades

de maior assimilação<sup>(1)</sup> (Piaget, 1969). É também nesse período que a criança inicia a sua construção de linguagem, que é bastante difícil no portador de Deficiência Auditiva, e que se tornará mais comprometida (se não trabalhada, em tempo hábil), se estiver associada a uma Deficiência Mental.

## 1.2. PROBLEMA

Este estudo visa responder a seguinte questão:

- Que proposta em Estimulação Precoce (0 a 3 anos), seria adequada para crianças de escola especial, portadoras de Deficiência Mental e Auditiva?

## 1.3. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

O trabalho apresentado para estudo, estará delimitado:

1.3.1 Para crianças de 0 a 3 anos.

1.3.2 Para crianças portadoras de Deficiência Mental e Auditiva (associadas).

1.3.3 Para aplicação da Proposta no Município de Curitiba, na Escola Ecumênica e Centro de Estimulação Precoce, que se propuseram atender clientela nesta faixa de idade, portadores de dupla deficiência (mental e auditiva).

(<sup>1</sup>) PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia, Rio de Janeiro, Companhia Editora Forense, 1969, p. 23.

## II. OBJETIVOS

- 2.1. Pesquisar a importância e os resultados obtidos pela estimulação essencial em crianças deficientes (mental e auditiva) na faixa etária de 0 a 3 anos.
  
- 2.2. Analisar os efeitos da estimulação essencial, indagando se são mais concretos quando trabalhados de forma regular e gradual, obedecendo uma complexidade crescente.
  
- 2.3. Sugerir uma proposta curricular, para aplicação em crianças de 0 a 3 anos portadoras de dupla deficiência (M. e A.) correlacionando sugestões de trabalho nas áreas: motora, cognitiva, sensorial, da linguagem e da fala.

### III. DEFINIÇÃO DE TERMOS

- 3.1. Deficiente Mental segundo a A.A.M.D. (American Association of Mental Deficiency): "É o funcionamento intelectual abaixo da média, que dá lugar a deficiência no comportamento adaptativo, e que tem origem no período de desenvolvimento".
  
- 3.2. Deficiência Auditiva segundo a Comissão de Nomenclatura da Conference of Executive of American Schools of the Deaf (1938): "O Deficiente Auditivo subdivide-se em duas categorias: são "surdas" aquelas pessoas em que o sentido da audição é não funcional, para as finalidades correntes da vida; são "duras de ouvido" aquelas em que o sentido de audição, embora defeituoso, é funcional, com ou sem auxílio de um aparelho auditivo."
  
- 3.3. Estimulação Precoce segundo a Proposta do CENESP, "É um programa elaborado visando estimular áreas sensoriomotoras, afetiva, social e cognitiva, enfatizando os aspectos mais carentes do sujeito, visando estimulá-lo, adequá-lo á sua faixa etária (de desenvolvimento), procurando minimizar o quanto possível os efeitos de sua deficiência, para melhor adaptar-se ao mundo em que vive."

3.4. Proposta Curricular segundo Maria Helena Novaes, "é um documento oficial, que contém informações básicas para a implementação do currículo na sala de aula".

DEFICIÊNCIA AUDITIVA

4.1. DEFINIÇÃO

Para que se possa definir deficiência auditiva, dois aspectos são importantes a serem considerados:

- 1) A perda insignificante da audição.
- 2) A perda total da audição.

Segundo Lloyd Dunn<sup>(2)</sup>, em seu livro "Crianças Excepcionais, seus problemas sua educação", cita as crianças "hipoacúsicas" como aquelas que possuem audição funcional e são capazes de ouvir com o auxílio de aparelhos ou mesmo sem eles. As "surdas" são aquelas portadoras de capacidade funcional para interpretar a fala, mesmo com auxílio de aparelhos.

Surdos portanto, são aqueles que nasceram ou perderam a audição antes de adquirirem a fala e linguagem, considerando-se que fala é um dos meios pelos quais se expressa a linguagem.

Surdas também, são aquelas pessoas que ficaram surdas, após a aquisição da linguagem e da fala.

Já duros de ouvidos, são aqueles que perderam a fala útil, mas a capacidade de entendê-la e a aptidão para usá-la continuam.

(<sup>2</sup>) DUNN, Lloyd M., Crianças Excepcionais, seus problemas sua educação, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S/A, 1971, vol. 2, p.254 e 255.

## 4.2. CLASSIFICAÇÃO E ATENDIMENTO À DEFICIÊNCIA

Crianças hipoacúsicas - são aquelas que apresentam perda auditiva de 20 a 50 db; não necessitam de atendimento especializado a não ser terapia da palavra.

Crianças meio surdas ou duras de ouvido - são aquelas que apresentam uma perda auditiva de 50 a 70 db. Adquirem linguagem por si mesma, meio defeituosa: falam mal, porque ouvem mal.

Crianças surdas propriamente ditas, com perdas auditivas acima de 70 db. Obtém linguagem por métodos e processos pedagógicos especializados.

## 4.3. CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA DEFICIENTE AUDITIVA DE 0 A 3 ANOS

(<sup>3</sup>) "A idéia de despistar a deficiência auditiva, é antiga.

Contudo a Sra. Downs nos E.E.U.U. e Paul Veit e Geneviève Bizaguet na França, desenvolveram aparelhagem e investigação científica para avaliar a criança recém-nascida, em reações auditivas, afim de dar desenvolvimento à aplicações sistemáticas no processo diagnóstico".

Pelo audiômetro de triagem que emite sons puros ou complexos modulados, aplicados no bebê em estado de vigília sensorial, revelam uma criança surda em cada mil nascimentos.

Pela observação pura, os sintomas como: desatenção, imbe

(<sup>3</sup>) LAUNAY, Cl. et alii. Distúrbios da Linguagem da Fala e da voz na infância. São Paulo, Roca Editora, 1986, 2ªed, p. 184.

cilidade aparente, tendência à fadiga ou a confusão, são características próprias do Deficiente Auditivo. Outras sintomatologias podem também se apresentar: dores de ouvido no osso temporal, tendência de voltar a cabeça mais de um lado que de outro para ouvir (acomodação auditiva); capacidade de entender o som da fala, somente quando próximo da pessoa que fala, procurando olhá-la de frente com atenção exagerada, sem entender contudo o que é dito; ou mesmo a omissão de sons (fonemas), quando fala. Em crianças de pouca idade, a tendência de isolamento também é evidenciada.

#### 4.4. CAUSAS DA DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Alguns defeitos auditivos são herdados. As causas hereditárias são aquelas que prejudicam a criança neurologicamente; são chamadas de neurodegenerativas.

As causas congênitas podem ser provocadas por viroses no início da gravidez: a rubéola, a gripe, a caxumba.

As má formações do canal auditivo externo, do tímpano ou dos ossículos do ouvido médio, podem causar a D.A.

Existem ainda os defeitos auditivos pós-natais ocasionados por doenças infantis como: escarlatina, caxumba, sarampo, coqueluche, febre tifóide, pneumonia, gripe e meningite, que provocam lesões no mecanismo auditivo.

Além dessas, a própria infecção crônica do ouvido médio (otites médias), pode provocar perda auditiva.

Essas causas são denominadas de causas conhecidas; contudo "em aproximadamente um terço dos casos estudados, as sur

dez são de causas desconhecidas"<sup>(4)</sup> (Vernon, 1968a).

## 5. DEFICIÊNCIA MENTAL

### 5.1. CONCEITO

(<sup>5</sup>) "Os conceitos mais tradicionais sobre deficiência mental, como os de Tredgold Doll e Kanner (apud Franchi e Moura, 1975), mostram os aspectos de desajustamentos ambientais relativos à vida adulta do sujeito, com respeito à sua competência em função das exigências sociais, e culturais em que a pessoa se desenvolve."

Para uma conceituação mais abrangente, foram tomadas como base as idéias de Heber; Grossman (1973); Brison (1967); Muller (1974) e Garton (1974).

Esses autores definem Deficiência Mental como "funcionamento intelectual abaixo da média", fazendo uma avaliação quantitativa da população, utilizando como critério Q.I. (quociente de inteligência) ou ainda: A deficiência do comportamento adaptativo, em que avaliam maturação, aprendizagem e ajustamento social incluindo aí, todas as fases da vida do sujeito (pré-escolar, escolar e vida adulta). E por fim o período de desenvolvimento da pessoa, analisando os primeiros anos de vida da criança.

(<sup>4</sup>) TELFORD, Charles, O indivíduo excepcional, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978, 3ª ed., p. 403.

(<sup>5</sup>) PROJETO MINIPLAN - APAE. Educação Especial, modelos de serviços para o Educando com Retardo Mental, São Paulo, CENESP-MEC, 1979, p.54

## 5.2. CLASSIFICAÇÃO E ATENDIMENTO A DEFICIÊNCIA MENTAL

Convém ressaltar que a classificação do Deficiente Mental, é feita mais para caracterizar grupos e não indivíduos, servindo de referências para identificação de níveis de deficiência, para formular programas e currículos específicos, e não para categorizar ou rotular o sujeito.

(<sup>6</sup>) É a seguinte a classificação segundo Grossman (1973):

Limítrofes - de 70 a 85 Q.I. - comportamento próximo da normalidade. Sua principal característica é a dificuldade de acompanhar a aprendizagem nas disciplinas que requerem esforço intelectual.

Os distúrbios aparecem quando aumentam as exigências escolares.

Educáveis - de 50 a 70 Q.I. - estes indivíduos não aproveitam adequadamente os programas de educação comum. Conseguem contudo conhecimentos acadêmicos que permitem sua integração social. Apresentam geralmente algumas dificuldades no seu desenvolvimento sensorio-motor.

Treináveis - de 25 a 50 Q.I. - são capazes de adquirir e reconhecer as palavras escritas, denominadas de vocabulário de apoio, que permitem à criança adaptar-se ao meio. Pode inclusive sustentar-se do seu próprio trabalho, ainda que de forma limitada.

Dependentes - de 0 a 25 Q.I. - ou subtreináveis como podem ser também denominados, são capazes de maneira limitada realizar treinamento de motricidade grossa, comunicação elementar, e de hábitos de auto-ajuda. Realizam tarefas sob supervisão.

(<sup>6</sup>) PROJETO MINIPLAN - Bibliografia já citada anteriormente, p. 65.

Heber, classifica a D.M. de forma diferente: Limítrofes-70 a 80 Q.I: Leve de 55 a 69 Q.I.; Moderado de 40 a 54 Q.I.; Severo de 25 a 39 Q.I e Profundo de 24 a menos.

Já a A.A.M.D., propõe outra classificação: Leve, Moderado, Severo e Profundo.

### 5.3. CAUSAS DA DEFICIÊNCIA MENTAL

A Deficiência Mental, surge por causas endógenas e exógenas.

"As causas endógenas são aquelas equivalentes de primário, familiar, hereditário e familiar cultural" (apud Telford et alii) (<sup>7</sup>).

As causas exógenas são designadas como causas secundárias, adquiridas ou ambiental. As exógenas podem ser subdivididas em orgânicas e ambientalmente carentes.

As causas genéticas são as produzidas por um gene dominante; um gene recessivo; por aberrações cromossômicas, ou por muitos genes.

As causas ambientais que podem ser: pré-natais; onde o embrião ou feto ficam prejudicados por agentes mecânicos, químicos, nutricionais, glandulares ou infecciosos.

As causas de traumas psíquico pré-natal, por acidentes ou tentativas de abôrtos.

A carência nutricional (desnutrição), a incompatibilidade sanguínea, a radioatividade, agentes tóxicos, etc são também causas ambientais.

(<sup>7</sup>) TELFORD, Charles. Bibliografia já citada anteriormente, p. 237.

As causas natais - que são: a pre-maturidade, as lesões traumáticas de parto, a anorexia.

As causas pós-natais - são as lesões traumáticas do cérebro; as infecções pós-natais; por deficiências dietéticas; por fatores culturais (falta de estimulação geral) por ambiente familiar e emocional.

#### 5.4. TIPOS DE DEFICIÊNCIA MENTAL

Os tipos de deficiência mental estão intimamente relacionados, às causas da deficiência.

(<sup>8</sup>) Dentro da causalidade genética destaca-se: a coreia de Huntington; esclerose tuberosa, distrofia e atrofia muscular progressiva, a ataxia de Freidreich por um gene dominante; a doença de Tay-Sach, o gorgulismo, afagalactosúria, a fenilcetonúria e a microcefalia genética, que estão ligadas geralmente a uma deficiência do metabolismo e são causadas por um gene recessivo. Sendo chamadas de síndromes neurológicas.

As síndromes morfológicas que surgem por aberrações cromossômicas, como a síndrome de Down (Mongolismo), a Microcefalia, a Hidrocefalia, Macrocefalia ou Poro-encefalias, as má-formações dos órgãos sensoriais (surgindo crianças com surdez e deficiência mental), etc. Essas aberrações cromossômicas, podem aparecer pela sua disfunção, translocação e mosaicismo dos cromossomos.

As Oligofrenias caracterizadas pelo mal funcionamento

(<sup>8</sup>) TELFORD, Charles. Obra bibliográfica citada anteriormente. p. 239.

glandular, geralmente por disfunção tiroideana (hipotiroidismos), que traz como consequência um nível intelectual muito baixo (idiotia, imbecilidade).

A criança que ao nascer apresenta hipoglicemia, se não receber um atendimento imediato, será possivelmente portadora de Deficiência Mental.

As deficiências mentais adquiridas (pré e pós-natais):

As paralisias cerebrais (ocasionadas por lesões cerebrais); as adquiridas por infecções: hepatite, rubéola, sarampo, sífilis, toxoplasmose, etc; as hipoxias (insuficiência placentária); o envelhecimento placentário; a trombose; a prematuridade; a anoxia de parto e outras, produzem crianças com atraso mental.

Devido a vastidão de quadros clínicos existentes dentro da Deficiência Mental, cita-se apenas os casos mais evidentes, e que se encontram em maior número, nas escolas especiais.

## 6.0. DUPLA DEFICIÊNCIA - MENTAL E AUDITIVA

### 6.1. CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA PORTADORA DE DUPLA DEFICIÊNCIA (Mental e Auditiva)

O contacto inicial da criança com o meio ambiente está constituído indubitavelmente, pelas suas reações não condicionadas e indiscriminadas aos estímulos, principalmente em níveis de maior intensidade, pois o conhecimento relativo e a sensibilidade do recém-nascido se apoia na correlação existente entre os estímulos e respostas.

As investigações indicam que no primeiro mês postnatal, a criança responde a estímulos de intensidade tais como: luzes, cheiros, sons, pressões e estímulos elétricos, movimentos corporais e substâncias químicas sobre a língua ou outras superfícies do corpo. Reagem também em variantes de temperatura.

O movimento de um objeto atrativo no seu campo visual, produz um comportamento de direção visual e movimento da cabeça. O mesmo pode acontecer aos estímulos auditivos, cinestésicos e tácteis (contudo, deve-se tomar o cuidado de não repetir diversas vezes o estímulo, pois a repetição, tende a perder o poder estimulativo).

Se a criança não apresentar respostas positivas aos estímulos, convém a família procurar com certa urgência, recursos para avaliação diagnóstica afim de ver se a criança tem ou não, uma deficiência.

A criança portadora de deficiência cognitiva e/ou auditiva, apresentará características específicas ou seja: não procurará estimulação que satisfaça sua etapa de desenvolvimento; não apresentará respostas sensoriais adequadas aos estímulos; apresentará problemas de espaço, postura e controle corporal. Não aprende a escutar, e interpretar a comunicação social, seu vocalizar é mais vocal; sua atenção é falha, sua expressão é inexpressiva. Seu estágio de maturidade estará abaixo do seu nível de desenvolvimento físico.

(<sup>9</sup>) Telford (in apud) diz o seguinte:

"A surdez e os desvios intelectuais, sendo desvios menos óbvios do normal, suscitam menos compaixão e me-

(<sup>9</sup>) TELFORD, Charles et alii. O indivíduo excepcional. Rio de Janeiro, Zahar, 1983, p. 60.

nos compaixão e menos compreensão por parte do público em geral. A surdez sobretudo se for apenas parcial, e o atraso mental quando não extremo, são frequentemente equiparados a falta de atenção e à falta de interesse e apatia. Supõe-se que o surdo parcial e o atrasado mental moderado podem ser indivíduos normais se simplesmente, se esforçassem com bastante empenho."

## 6.2. RETARDO E DÉFICITS SENSORIAIS

O retardado surdo, encontra dificuldades para adquirir linguagem, pois a coexistência de surdez associada a deficiência mental faz com que ele só consiga captar ruídos ou sons significantes.

(<sup>10</sup>) Clément Launay (in *pub*) cita:

Esta coexistência não é rara, porcentagem dos deficientes intelectuais entre os surdos, e a dos surdos numa população de retardados ultrapassam, certamente, a média. Schanger num internato de setenta e nove crianças retardadas de 8 a 16 anos, encontrou 30% de indivíduos com déficits auditivos. Num relatório de 1968, L. Fisch, depois de uma revisão de relatórios de diversos autores, estima em 20% ou menos a porcentagem de indivíduos, deficientes mentais com perda auditiva suficiente para afetar sua capacidade de comunicação oral. Quando a criança normal apresenta um quadro de hipoacusia não se torna um problema de grande porte, mas se ele tiver um retardo associado, terá bastante dificuldades para compensar o problema.

(<sup>10</sup>) LAUNAY Clément et alii. Distúrbios da linguagem, da fala e da voz na infância. Trad. Dra. Maria Eugênia, p. 139.

### 6.3. CAUSAS DA DUPLA DEFICIÊNCIA

(<sup>11</sup>) Algumas encefalopatias adquiridas ou genotípicas, caracterizam a deficiência retardo-surdez: meningoencefalite, a E.M.C. (Enfermidade Motora Cerebral), gargolismo, mongolismo, etc.

A triagem é difícil, pois alguns constructos podem interferir nela:

Crianças apáticas e inertes; agitadas e/ou ansiosas; terão respostas diferentes nos testes, daí a necessidade de levar-se em conta, a idade cronológica da criança, para se usar um método de avaliação adequado às características dela.

O diagnóstico é difícil e demorado, pois requer observação prolongada, para que se descubra as capacidades reais da criança.

O processo educativo deverá se valer de diversas formas de estímulos = comunicações não verbais: mímicas, gestos, sons, métodos de expressão corporal (ritmo, dança, música). E verbais se possível.

A incapacidade de compensações é grande em crianças poli deficientes. Pois em crianças com uma única deficiência, a compensação é automática.

Para atender estes casos, poucos estabelecimentos existem; o número de classes é reduzido; mesmo em países como Estados Unidos, Inglaterra e países escandinavos.

No Brasil, tem sido pequeno o interesse e atenção, para essas áreas de dupla deficiência.

(<sup>11</sup>) LAUNAY, obra citada, p. 140.

A porcentagem de surdez por (E.M.C.) poderia segundo Launay(<sup>12</sup>), atingir 25% dos casos. Nesta situação, as percepções auditivas estariam prejudicadas nos casos de atetoses que podem comprometer constantemente os órgãos nervosos da audição, e que afetariam principalmente as frequências altas (50%, acima de 2.000 Hz até 4.000 Hz que é a zona da fala).

Ao contrário, nas espasticidades os déficits são importantes em todas as frequências.

Além dessas causas da Dupla Deficiência oriundas por EMC, temos ainda: as infecções rinofaríngeas com otites repetidas, ou nos casos de naso-farínge que por secreções mucosas ou mucopurulentas predispõe o sujeito às infecções da orelha média, prejudicando também o funcionamento intelectual dele.

#### 6.4. A AVALIAÇÃO

Para avaliação de crianças portadoras de dupla deficiência com menos de três (3) anos, geralmente utiliza-se a escala de Gesell ou de Brunet- Lézine. Entretanto, em alguns casos, a estimativa de nível mental antes de 3 anos é muito difícil, por isso recomenda-se a observação da criança por algum tempo, pelo conjunto da equipe encarregada da reeducação das mesmas.

A equipe avalia cuidadosamente todos os dados do caso, troca idéias entre si e com os familiares ou com quem cuida da criança (não esquecer, a importância do relacionamento mãe → filho, neste período) para a elaboração de um plano de traba-

(<sup>12</sup>) LAUNAY, Clément et. alii. Obra já citada anteriormente em rodapé, p. 156.

lho, que esteja individualmente integrado às necessidades da criança; e que possibilitem a participação da mãe no meio familiar da reabilitação, pois a criança passará mais tempo com ela, do que com os reabilitadores na escola, ou clínica.

#### 6.5. O DIAGNÓSTICO PRECOCE

O diagnóstico precoce de qualquer deficiência é importantíssimo, pois quanto mais cedo for iniciado o atendimento, melhores serão as probabilidades de recuperação.

Todavia, ele é difícil de ser analisado, pois abrange dois aspectos distintos: o modelo médico que conceitua o sujeito deficiente pela sua etiologia e por quadros clínicos pré-determinados, diagnosticados pelas relações entre causa física e sintomatologia clínica.

O outro aspecto é o do diagnóstico pela função comportamental, que busca descrever a conduta da criança com sua dinâmica funcional, seu distanciamento dos padrões normais de desenvolvimento, e sua operacionalização.

A avaliação deve portanto ter em mente que: o objetivo principal dela é determinar o diagnóstico interdisciplinar através da relação causa-efeito, entre os fatores detectados e sintomatologia apresentada; mediante o conhecimento da criança na sua totalidade, do meio em que vive, para depois estabelecer as bases do programa de intervenção.

A reavaliação periódica para análise dos progressos obtidos pelo programa de intervenção é imprescindível, com a finalidade de delinear novos rumos para o atendimento se for preciso.

Este plano de intervenção, deverá proporcionar uma evolução normal à criança tanto quanto possível, procurando eliminar os distúrbios apresentados, ou pelo menos, minimizar os seus efeitos evitando o aparecimento de outros, decorrentes de factores de distúrbios já detectados.

#### 7.0. PROPOSTA CURRICULAR PARA DUPLA DEFICIÊNCIA (Mental e Auditiva)

##### APRESENTAÇÃO

Este trabalho dentro da Estimulação Precoce num enfoque de Dupla Deficiência, visa levantar condições para a implantação do trabalho, considerando a proposta curricular, a cliente a ser atendida, procurando orientar didaticamente, toda a equipe que irá aplicar a proposta nos seus principais aspectos:

- 1) Justificativa.
- 2) Fundamentação teórica.
- 3) Proposta curricular e tipos de atendimento.
  - 3.1) Definição de currículo e proposta curricular.
  - 3.2) Definição de estimulação essencial.
- 4) Procedimentos diagnósticos.
- 5) Metodologias de ensino.
- 6) Recursos utilizados.
- 7) Objetivos Gerais.
- 8) Objetivos Específicos.
- 9) Psicomotricidade (Grossa e fina).

## 1. Justificativa

Este trabalho foi elaborado com o objetivo de fornecer subsídios pedagógicos, e técnicos que contribuam para o desenvolvimento e atendimento da criança portadora de dupla deficiência (mental e auditiva), para que este se processe, dentro de um contexto global, sugerindo opções de procedimentos com a finalidade de enriquecer o seu atendimento.

Atuando baseada nas etapas do desenvolvimento biológico, social, intelectual e emocional a estimulação precoce, demonstra estatisticamente à sociedade de modo geral, que quanto mais cedo for o atendimento, mais possibilidades de recuperação haverá para a criança.

## 2. Fundamentação

Esta proposta de Estimulação Essencial, fundamenta-se na interpretação e questionamento das diferentes teorias de aprendizagem e psicologia do desenvolvimento.

Dentro da teoria desenvolvimentista de Jean Piaget, ele conceitua o desenvolvimento intelectual da criança em estágios:

- a) Sensório-motor (0 a 18 meses)
- b) Pré-operacional (dos 18 meses a 7 anos)
- c) Operatório-concreto (dos 7 aos 12 anos)
- d) Lógico-formal (dos 12 anos em diante)

Todos estes estágios estão intrínsecamente ligados, e um serve de base para o outro, ou seja, cada estágio é pré-requisito para outro. Cada nova experiência é acumulada, aos já existentes.

A criança para <sup>(13)</sup> Piaget, em A Psicologia da Criança, portanto, passa por diversos estágios operacionais até atingir

um estágio mais amadurecido, durante a adolescência; usando para isso dois mecanismos que são <sup>(14)</sup> "assimilação" e "acomodação". Junto a esse estágio estão, o esquema, e a equilibração, que representa um esquema mais adaptativo ao mundo.

Piaget ressalta em suas obras, a importância das atividades para cada criança, e da sua capacidade dentro do esquema acima citado, para organizá-las em relação às oportunidades oferecidas dentro do seu ambiente; quanto mais estímulos oferecidos, melhores rendimentos ela apresentará em relação às crianças menos estimuladas.

A Teoria de Aprendizagem segundo Pavlov (Ivan Petrovich), está baseada nos reflexos condicionados. Fez várias experiências em animais e até em seres humanos (bebês → amamentação) chamando essas experiências de condicionamento básico. Nos seres humanos a palavra é um estímulo mais viável, pois desencadeia emoções.

O condicionamento clássico, é a categoria mais comum talvez de aprendizagem; ou seja; dado um estímulo externo, requer-se uma resposta. Esse condicionamento é a forma mais pura de aprendizagem, ocorre principalmente na aprendizagem humana de emoções.

A teoria de Reforço de Burkus Frederic Skinner - Skinner aderiu ao trabalho de Pavlov, do conceito de "condicionamento Operante".

Condicionamento Operante é aquele em que a resposta do sujeito se torna frequente por ser seguida de um estímulo refor-

(13) PIAGET, Jean et alii. A Psicologia da criança, São Paulo, Difel, 1978, 5ª ed., p. 12 a 29, 30 a 45, 46, 80.

(14) CARMICHAEL, Psicologia da criança. O primeiro ano de vida e as experiências iniciais. São Paulo, Editora Universidade de São Paulo, 1975, v.2, p. 73.

çador. A resposta serve como instrumento para alcançar uma recompensa. Ocorre na aprendizagem de ações. Para Skinner o reforço pode programar a aprendizagem de qualquer disciplina, assim como pensamento crítico e a criatividade, desde que já se tenha previamente a resposta final desejada.

Esta teoria diz que: "todo comportamento é aprendido, e é mantido se reforçado; se não reforçado, tende a desaparecer". Cumpre ressaltar estímulo reforçador: é aquele que estabelece e mantém o condicionamento.

A modelagem: é uma técnica para se aprender comportamentos novos (operantes).

É um método utilizado para aquisição de novos comportamentos, através das técnicas de reforçamento diferencial operantes e de aproximação sucessivas (do simples para o complexo).

A teoria psicanalítica, segundo Sigmund Freud (1<sup>5</sup>), a criança nasce com uma estrutura psíquica, só possui energia.

O Id - reservatório de energia instintiva. Com o crescimento a criança vai desenvolvendo duas estruturas psicológicas.

#### O Ego e o Superego

O Ego é a parte do psique infantil que contém as habilidades, desejos aprendidos, medos, linguagem, sentido de si próprio e consciência.

Superego - que se traduz por consciência, imerge nos anos pré-escolares.

Esses três elementos precisam funcionar harmonicamente para se chegar aos resultados da aprendizagem.

(1<sup>5</sup>) FILLOUX, Jean C. A Personalidade. São Paulo, Difusão Européia do Livro. 1960, p. 31 a 39.

(<sup>16</sup>) Freud e os estágios psicanalíticos do desenvolvimento

Para Freud a criança passa também por estágios psicanalíticos, em que as zonas corporais mais fornecem prazer (fontes primárias de prazer).

O 1º estágio é o oral, onde a criança sente maior prazer na região ao redor da boca e nas atividades de alimentação.

No 2º e 3º ano de vida a região anal e atividades de defecação passam a ser categorizados. É o estágio anal.

Durante os anos pré-escolares são os genitais que passam a ser fonte maior de prazer. Este estágio é denominado de fôlico. É o período de identificação com as pessoas do mesmo sexo baseado no Complexo de Édipo.

Finalmente na adolescência são valorizados o amor, e este estágio é denominado de genital.

Deve-se aqui considerar as Catéxis, que denomina os processos pelos quais se unem ou investem os pensamentos, ações, objetos e pessoas.

Todas essas teorias de desenvolvimento e cognição do ser humano, fornecem subsídios para trabalhar com o sujeito, respeitando-o em sua individualidade, e para isso, lança-se mão de diversas teorias desenvolvimentistas, de diversos métodos e técnicas de ensino de acordo com as necessidades que surgem dentro da sala de aula, buscando-se sempre resposta para soluções imediatas e mediatas.

Todos eles entretanto são unânimes e concluem que um ambiente estimulante, juntamente com considerável atenção de familiares e adultos com os quais a criança conviva na 1ª infân

(<sup>16</sup>) FILLOUX, Jean C. Obra já citada em rodapé. p. 53

cia, resultará no maior desenvolvimento possível de capacidades na criança.

### Relação entre as teorias do desenvolvimento e aprendizagem e a Proposta

Essas teorias de desenvolvimento e aprendizagem são importantes na área da educação de crianças duplamente deficientes, pois auxiliam o professor, dando-lhe embasamento de como a criança se desenvolve dentro dos padrões de normalidade, ou seja, qual os padrões esperados para determinadas idades da criança; de como a criança desenvolve seu pensamento; e da importância dos condicionamentos que são amplamente usados no trabalho com a criança deficiente de maneira geral (condicionamento de comportamentos).

### 3. Proposta Curricular

Justificativa - Considerando-se as necessidades de elaboração de uma proposta em Educação Especial com o intuito de inserir nas escolas, um programa de atendimento à crianças portadoras de Dupla Deficiência (mental e auditiva), procurou-se elaborar uma programação de estimulação essencial, atendendo uma classe de crianças de faixa etária variando de 0 a 3 anos deficientes mentais e auditivos (deficiência mental + leve).

#### 3.1. DEFINIÇÃO DE CURRÍCULO

Na Proposta Curricular para Deficientes Auditivos da DER DIC - PUCSP - na página 31, temos uma definição de currículo segundo Joel Martins (1970), que diz:

"... currículo deve ser considerado como a soma total de situações de aprendizagem para levar o aluno à aquisição de experiências planejadas pela equipe da escola, como uma instituição que envolve tanto alunos como professores e processo de ensino e trabalho."

(<sup>17</sup>) Proposta Curricular - são documentos oficiais, de informações básicas para a implementação do currículo em sala de aula.

Toda proposta para ser lógica, deverá ser baseada na própria lógica, e na psicologia.

Lógica - calcada em cima de disciplinas e matéria.

Psicológica - elaborada na psicologia do sujeito e integrada em temas familiares à criança.

Em se tratando de crianças deficientes auditivas e mentais, a proposta deverá ser mais embasada nas possibilidades da criança excepcional, e não nas deficiências que as crianças possuem.

É na vivência e aplicação da proposta que o professor selecionará os conteúdos a ensinar e o adaptará às necessidades e diferenças individuais de cada um.

Segue-se portanto os níveis de desenvolvimento humano e sua organização fundamenta-se principalmente nas teorias psicológicas acima citadas.

Toda a proposta no plano cognitivo se fundamenta nas teorias de Piaget. Os objetivos a serem alcançados subordinam-se às etapas evolutivas da psicologia genética. Desta forma cada um deles é pré-requisito para o seguinte.

(<sup>17</sup>) NOVAES, Maria Helena et alii. Educação Especial, Atuais Desafios. Rio de Janeiro, Interamericana, 1980, p. 49.

A educação precoce neste caso é de grande validade pois calcará seu trabalho no início das etapas de desenvolvimento, da criança, com isso evitará que alguma etapa fique esquecida.

3.2. (1<sup>8</sup>) Segundo Heloisa Marinho → estimulação essencial é o conjunto de técnicas que se usam estímulos ambientais capazes de provocar ações e reações necessárias, indispensáveis e essenciais ao desenvolvimento integral da criança.

#### 4. Procedimentos Diagnósticos

Para que se tenha garantias consideráveis de atendimento de uma clientela adequada, e para se tornar uma classe onde se encontre um mínimo de discrepâncias nos aspectos deficientes, todos os alunos devem ser submetidos a um processo diagnóstico.

Requesita-se para isso:

- Exame otorrinolaringológico.
- Exame audiológico.
- Exame fonoaudiológico (avaliação da fala e linguagem)
- Idade cronológica.
- Tipo de deficiência e grau da mesma (exame médico com laudo).
- Nível de comunicação.

Além desses para um diagnóstico mais especializado pede-se:

- Exame oftalmológico.
- Exame neurológico.

(1<sup>8</sup>) MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CENESP, Estimulação precoce, São Paulo, A-PAE, 1975. p. 12.

- Exame psiquiátrico ou psicológico.
- Relação de atendimentos anteriores (geralmente em clínicas, ou escolas).
- Avaliação pela equipe multidisciplinar de entrada.
- Observação da criança durante determinado tempo.

## 5. Metodologia de ensino

A aprendizagem ocorre por meio das experiências do aluno ou seja, através de reações do mesmo, frente ao seu meio ambiente.

Para que o D.A. e o D.M., desenvolva o processo de aprendizagem e da comunicação oral (em nível de recepção e organização) nas atividades e áreas da proposta curricular, o professor deverá sugerir uma metodologia que favoreça esse desenvolvimento, por meio de<sup>(19)</sup>:

### 1. SITUAÇÕES DE EXPERIÊNCIA:

- a) Quanto mais enriquecido o ambiente, e as situações, mais significativos para a criança.
- b) A linguagem deverá sempre acompanhar experiências vivenciadas pela criança.
- c) As experiências deverão sempre ser concretizadas, vivenciadas e bem fixadas para que não se produzam resultados indesejados (por exemplo: impostação de fonemas defeituosos e como consequência fala intelegível).

### 2. CENTROS DE INTERESSES:

Que se caracterizam por atividades realizadas em torno de

<sup>(19)</sup> ESCOLA ECUMÊNICA, SEC, Proposta curricular para estimulação precoce de 0 a 6 anos, em dupla deficiência mental e auditiva. Curitiba, Escola Ecumênica, 1986 (in mimeo).

temas centrais de maior significado para a criança. Por exemplo: família, escola, animais, etc.

Devem satisfazer os interesses, devem partir de dados concretos e reais, devem estar ao nível de desenvolvimento da criança e acima de tudo "despertar a curiosidade" dela. Deverá oportunizar o sujeito a descobrir e realizar a atividade prevista; e estar de acordo com a realidade da criança, e não do professor ou escola.

### 3. UNIDADE DE ENSINO:

São organizadas em torno de um tema ou idéia central. Para isso deve-se seguir passos específicos:

- Selecionar um assunto.
- Escolher uma idéia central.
- Definir os objetivos da unidade (comportamento final desejado) dentro e fora da escola.
- Definir operacionalmente os objetivos.
- Selecionar e organizar os conteúdos (devendo organizar as situações de experiências).
- Avaliação (dos objetivos propostos).

Por meio dos três elementos utilizados pela metodologia, o professor deverá ainda se valer de técnicas de ensino, para efetivar a experiência da aprendizagem.

As técnicas de ensino referem-se às formas de apresentar os estímulos, aos quais os alunos deverão reagir, a fim de se processar a aprendizagem.

Podemos classificar as técnicas de ensino em 2 grupos:

- a) Individualizantes, atendendo as diferenças individuais, fazendo com que cada aluno trabalhe segundo suas possibilidades.

- b) Socializantes - visam a integração social, a cooperação e o respeito pelos outros trabalhando em grupo.

Exemplo: Ludoterapia em grupo. Recreação grupal.

Explicação das Metodologias Existentes - (<sup>20</sup>) Diversas metodologias existem para se trabalhar com o deficiente auditivo e mental, deve-se contudo, levar em consideração a clientela que será aplicada, pois nem sempre "todas" as crianças irão bem em determinada metodologia, necessitando-se muitas vezes, a troca do método pra se obter melhores resultados.

Nesta proposta, cita-se os tipos de métodos mais conhecidos que existem para Deficientes Auditivos:

1) MÉTODOS GESTUAIS:

- a) Linguagem gestual ou mímica ou ainda linguagem de sinais:

É a linguagem que supre o deficiente auditivo da privação do ouvido e palavra, para se comunicarem entre si e com os outros.

É natural e espontânea (não precisa ser ensinada) e pode ser usada intencionalmente pois se parecem no mundo inteiro.

Wund cita "A linguagem mímica é um produto natural do desenvolvimento dos movimentos de expressão".

Classificam-se em três grupos:

- a) Demonstrativos ou indicativos - a criança aponta sem nomear.
- b) Gestos representativos ou imitativos em que a criança imita o que quer (ex. escrever ...)

(<sup>20</sup>) DERDIC - PUCSP. Proposta Curricular para Deficientes Auditivos, Brasília, Departamento de Documentação e Divulgação, 1979, p. 25 a 30.

c) Simbólicos - usa transposição de idéias para associação (exemplo: acena com a mão, para dizer adeus).

É pouco usado por prescindir do abstrato, fixando-se no concreto, e não dá embasamento a linguagem escrita.

#### b) Alfabeto Manual ou Dactilológico ou Digital<sup>(21)</sup>

É a substituição do símbolo gráfico e oral pelos sinais, com os dedos das mãos. É uma espécie de leitura no ar, e por isso deve ser aprendido. O método é bastante antigo, tem-se notícias que os egípcios, judeus, romanos e alguns monges com votos de silêncio, já o usavam para comunicar-se.

Exige destreza, não dá pausas e as letras devem ser muito bem trabalhadas para não dificultarem a comunicação. A linguagem mímica constitui uma comunicação relâmpago.

Nesta forma de comunicação, existem como na linguagem falada, uma relação de gestos para os sinônimos ou seja: para uma mesma palavra podemos ter dois gestos.

### 2) Métodos Oraís:

#### a) O Oralismo.

<sup>(22)</sup> Segundo Haycock, o oralismo é antes de tudo, mais uma atitude da mente, do que um método. Ele procura criar uma atmosfera normal de vida para o surdo. A comunicação oral requer um grande esforço por parte da criança deficiente auditiva, da família e da escola.

<sup>(21)</sup> OATES, Eugênio. Linguagem das mãos, Rio de Janeiro, Gráfica Editora S/A, 1969, p. 12.

<sup>(22)</sup> DORIA, Ana Rímoli de Faria, Compêndio de Educação da Criança surda e muda, Rio de Janeiro, INES, 1958, p. 29.

É necessário para se obter um bom resultado com ela, os seguintes requisitos:

- Todas as horas do dia, todos os dias do ano requerem participação ativa das pessoas que convivem com a criança surda.

- Sua educação começa quando se descobre a deficiência da criança (o quanto mais cedo possível, melhores serão as possibilidades na reabilitação).

- (<sup>23</sup>) Não deverá haver intromissão de outros meios de comunicação a não ser o oral, pois as senhas naturais tornarão impossível o desenvolvimento de hábitos orais corretos.

- Deverá haver a participação ativa e efetiva da família no processo reabilitório.

- A educação oral requer atendimento quase que individual; professores especializados nela, pequeno número de alunos no grupo; aparelhos de amplificação de sons, grupais e individuais (ideal seria, a protetização das crianças).

O método incide basicamente no seguinte:

- O treinamento sensorial → para melhor relacionamento com o meio ambiente.

- O treinamento da leitura oro-facial → que é o meio fundamental da recepção oral pela criança através do qual ele receberá os estímulos e chegará a compreender, a linguagem.

- Treino fonoarticulatório → que trabalha a parte mecânica da fonação, meio básico da expressão oral; abrangendo: respiração, relaxamento, voz, articulação das vogais e fonemas e ritmo.

(<sup>23</sup>) DINIZ, Cirene R., Tipos de surdez e metodologia oral, Curitiba, Escola Epheta, 1975 (in mimeo).

b) O organograma da linguagem.

Criado por Dr. Perdoncini, facilitaram a organização do pensamento e a estruturação da linguagem.

O Método Perdoncini utiliza o suporte fisiológico da audição partindo de condicionamentos e de trabalho com logatomos e palavras; (com os lábios abertos) a criança recebe a estimulação sonora, fazendo uso do suporte visual como complemento à informação auditiva insuficiente.

B. A ABORDAGEM MULTISSENSORIAL

a) Método Sanders.

Sanders preconizou a utilização da visão como uma via ou meio sensorial de suporte para a percepção do mundo pelo sujeito com audição inadequada.

Não tenta substituir a visão pela audição, mas associá-la para que a percepção seja mais completa. Pois a fala e audição, valem-se de expressões faciais, da leitura labial, e da expressão corporal e é a visão, um dos melhores aliados para que o surso possa perceber toda a situação existente, e interpretar a mensagem oral transmitida.

b) Método Guberina.

(<sup>24</sup>) Guberina, para aplicar seu método construiu o aparelho Suvag, afim de reeducar crianças portadoras de D.A.; sugerindo antes, a aplicação da audiometria verbotonal que procura descobrir o campo optimal da criança surda.

O campo optimal indicará os campos de frequência que de-

(<sup>24</sup>) DERDIC - PUCSP. Bibliografia já citada em rodapé.

vem ser amplificados e estimulados na criança, é os que deverão ser estimados através de filtragens.

A audiometria verbotonal é a ponte entre a audiometria tonal e a vocal, mostrando que existem possibilidades de aproveitamento do aparelho auditivo, conservando a sua extensão de intensidade e igual compreensão em cada campo de frequência, e a possibilidade de se fazer transferências pelas chamadas "transfer" de frequências.

A idéia de campos otimais é fundamental na metodologia verbotonal.

Conseqüentemente a metodologia exigiu da eletrônica, a construção de recursos que possibilitem as transformações da fala, em funções de melhor percepção dos fonemas. Construiu-se por isso aparelhos apropriados Suvag I, Suvag II, MiniSuvag.

Suvag I - é utilizado para trabalhar em grupo ou individuais com anacúsicos ou para iniciar a reabilitação; possuindo um grau de extensão de frequência muito grande (de 0,5 Hz até 2.000 Hz) com amplificação total por volta de 80 db, utilizando-se o que se chama "decanal", onde a estimulação é feita em todas as frequências.

O Suvag II - é utilizado nos atendimentos individuais mais elaborados pois tem um sistema de filtragens que poderão ser ajustados aos resíduos auditivos da criança, baseados na audiometria. É também usado para treinamento na delimitação e indicação da prótese.

Esses aparelhos são acompanhados por vibrador, onde a criança recebe estímulos auditivos também por via corporal e óssea (além da aérea).

O minisuvag que é o Suvag I, em miniatura; possui menor

capacidade de intensidade e por isso é usado geralmente na estimulação de bebês.

O método preconiza um trabalho simultâneo: a estimulação em conjunto, e individual, uma estimulação rítmica, que estimula os movimentos do corpo, uma vez que som é movimento, e ele só se processa através do movimento.

Este ritmo abordará duas formas de treinamento: o ritmo corporal e o ritmo musical.

c) Método que enfatiza a percepção táctil - Tadoma

Este método se apóia na utilização do sentido do tato com a criança, para poder compreender as vibrações sonoras.

É utilíssimo para a criança perceber as noções de vibração, intensidade, ritmo e duração. É aplicado principalmente para a reabilitação da criança surda-cega.

C. MÉTODOS UNISSENSORIAL - OU ACUPÉDICO DE DOREEN POLLACK

Visa explorar a totalidade de audição residual do D.A. Requer uma detecção precoce, uma adequação de prótese auditiva e o uso do mecanismo do feed-back auditivo.

O método está baseado na conscientização e interpretação dos sons pelo uso do aparelho auditivo.

3) Métodos orais-gestuais (mistos)

a) O novo oralismo → Rússia e E.E.U.U.

Existem controvérsias nos países escandinavos sobre o uso de sinais ou não, na reabilitação da criança surda.

Os russos, tem usado o novo oralismo, que adotou o método digital em idade precoce, a amplificação sonora e leitura labial.

Após a criança ser diagnosticada com D.A., ela passa por um treinamento de um ano e meio com exercícios dígitos; conhecimentos gerais e de percepções, além do treinamento auditivo.

Ficando contudo para mais tarde, a aquisição da parte semântica e morfo-sintática da linguagem.

#### b) A Comunicação total (EEUU)

Este método abrange a leitura orofacial, a amplificação sonora, a linguagem de sinais e o uso do alfabeto digital, sendo por isso muito discutido.

Para Deficientes Mentais, usa-se geralmente o método misto. Para os de dupla deficiência associa-se o método misto ao método usado para a criança deficiente auditiva. É necessário portanto, um conhecimento dos métodos existentes aplicados às duas deficiências isoladamente; e realizando-se uma adaptação, de trabalho, visando as necessidades e individualidades de cada criança.

### 6. Recursos Utilizados

Para a aplicação da proposta, utilizar-se-á os seguintes recursos:

#### 1. HUMANOS:

- a) Equipe de diagnóstico (foniatria ou fonoaudiologia e psicólogo, médico neurologista, pediatra e otorrinoloringologista).
- b) Equipe de execução (professor de classe especializada, e professor de reabilitação individual, também especializado).
- c) Equipe de acompanhamento, controle e avaliação: super

visor escolar, orientador educacional, psicólogo, todos especialistas em problemas auditivos e mentais).

## 2. MATERIAIS:

- a) Ambientais.
- b) Eletrônicos (para o atendimento individual e coletivo) de crianças portadoras de D.A.
- c) Outros recursos.

a) Ambientais - Sala com tamanho adequado ao número de alunos (segundo critério estabelecido pela S.E.C.), provida de instalações elétricas que permitam instalação de equipamentos eletrônicos. Teto e paredes se possível tratados acústicamente, piso com carpet ou mesmo um tapete que cubra grande parte da sala, e janelas acortinadas com tecido grosso, para proteção de ruídos externos.

b) Eletrônicos - Para a Metodologia Verbo Tonal, torna-se necessário:

- Aparelho Suvag I
- Aparelho Suvag II
- Mini Suvag

Acompanhados de fones, microfones e vibrador.

O aparelho Suvag I é utilizado nos trabalhos grupais com anacúsicos, e no início da Reabilitação, pois não tem filtragens sofisticadas e com isso estimula todas as frequências, abrangendo o campo auditivo total (que geralmente se encontra nas frequências baixas).

O Suvag II tem um sistema de filtragem mais sofisticado, dando ao reabilitador mais possibilidades de alternativas de filtragens.

O vibrador é usado tanto no Suvag I e II permitindo a transmissão do som por via óssea ou corporal. Estimula as células nervosas, e dá possibilidades a que impressões sonoras cheguem até o cérebro por novos caminhos que não sejam pelo conduto auditivo. É aconselhado para estimular crianças pequenas.

O minisuvag é um aparelho de menor alcance. Fácil de ser transportado, mas como tem menor capacidade e intensidade geralmente é usado apenas no individual.

c) Outros Recursos - (especificados em áreas trabalhadas)

Brinquedos de encaixes, blocos lógicos, bolas de isopor, cancha de areia, massas de modelar, revistas, sucatas (para estimulação psico-motora), escadas, etc.

## 7. Objetivos Gerais

- a) Proporcionar a criança os meios que ajudem a adaptação e a socialização no ambiente em que se desenvolve.
- b) Oferecer oportunidades de participar em atividades que se realizem com seus familiares, companheiros e vizinhos.
- c) Conseguir da criança respostas adequadas a situações concretas que se apresentem na vida diária.
- d) Desenvolver atitudes positivas levando-a a comunicar-se, estimulando-a por meio de várias fontes.
- e) Detectar precocemente aqueles déficits que possam influir desfavoravelmente na vida futura da criança, evitando-lhe frustrações e fracassos.
- f) Estimulá-la o mais cedo possível, mediante um trabalho polisensorial, para que a criança se manifeste através de atividades espontâneas e criativas.

## 8. Objetivos Específicos

- a) Propiciar à criança atividades socializadoras\* no ambiente familiar, escolar, e comunitário.
- b) Pô-la em contacto com o mundo sonoro que a rodeia, fazendo com que se habitue a fones e vibrador (para no futuro adaptar-se à prótese).
- c) Estimular a percepção auditiva da criança, deitada, sentada ou em pé, no tablado vibratório, com o grito, percebendo presença e ausência de som.
- d) Estimular a fala, através de movimentos amplos.
- e) Desenvolver o controle postural, praticando exercício de psicomotricidade grossa e fina.
- f) Iniciar a prática de atividades de vida diária.
- g) Estimular o desenvolvimento da atenção, percepção, memória, e raciocínio, por meio de exercícios específicos.

## 9. Psicomotricidade

(<sup>25</sup>) É a relação existente entre o pensamento e a ação, englobando funções neurofisiológicas e psíquicas.

Seu desenvolvimento faz-se através da evolução da criança na sua troca com o meio, numa conquista que vai aos poucos ampliando a sua capacidade de adaptação.

Os primeiros indícios de um desenvolvimento mental nor-

(\*) Socialização é um processo sócio-cultura permanente, mediante o qual o indivíduo aprende os diferentes papéis, hábitos e comportamentos necessários para fazer frente às responsabilidades da vida coletiva. Esse processo é crítico durante os primeiros anos de vida pelo seu aspecto formativo e orientador do comportamento do sujeito.

(<sup>25</sup>) ALVES, Tamir B., Manual prático de Psicomotricidade, UNIPORTO Gráfica e editora. Porto União, 1ª ed., 1981.

mal, não são mais que manifestações motoras. Durante toda a primeira infância até os 3 anos a inteligência é a função imediata do desenvolvimento neuromuscular.

Mais tarde a inteligência e a motricidade se tornam independentes compondo sua simbiose, que só reaparece nos casos de retardamento mental.

O paralelismo psicomotor se mantém determinando que a um quociente intelectual diminuído, corresponda a um rendimento motriz também deficiente.

Esse paralelismo pode apresentar as mais variadas características; já que os diversos graus de deficiência mental correspondem no campo motor as graduações que vão desde a debilidade motriz leve, que se traduz em torpor do comportamento geral até os transtornos importantes ocasionados por lesões do sistema nervoso: espasticidade, ataxia, hemiplegia, etc.

Estas alterações não podem ser recuperadas totalmente, por nenhum tratamento seja médico ou corretivo. Podem contudo, ser atenuados com a reeducação apropriada, que eduque movimentos úteis ou desenvolva compensações que ajudem a equilibrar o déficit motor, porém somente o método combinado, que ao mesmo tempo eduque os movimentos e atue sobre o intelecto, fará a criança progredir realmente no campo da reabilitação psicomotora; através de métodos, progressivos que requerem ao mesmo tempo a evolução fisiológica normal ou próximo dela, e maturação intelectual.

São fatores de desenvolvimento psicomotor:

- 1) Percepção visual, auditiva, táctil, gustativa e olfativa.
- 2) Esquema Corporal.

- 3) Orientação espacial e temporal.
- 4) Equilíbrio estático e dinâmico.
- 5) Coordenação geral (marchas, corridas e saltos).
- 6) Ritmo.
- 7) Lateralidade.
- 8) Respiração
- 9) Relaxamento.

#### PSICOMOTRICIDADE DIFERENCIAL

- 1) Coordenação Dinâmica das mãos.
- 2) Coordenação visomotora.
- 3) Orientação espacial x temporal.
- 4) Preparação para a fala (desmutização).
- 5) Preparação para a estruturação de linguagem (Comunicação).
- 6) Preparação para a Matemática.

#### PERCEPÇÕES

(<sup>26</sup>) É a capacidade de reconhecer e compreender estímulos. É o meio que a pessoa possui para organizar e estimulação ao ambiente que lhe é dirigido.

É através dela que conseguem se conduzir a aprendizagem, sobre o próprio corpo e suas relações com o espaço, tempo e pessoa. A percepção depende da estimulação sensorial captada pelos sentidos da visão, audição, tato, olfato e paladar.

#### Objetivo Geral:

- 1) Propiciar o desenvolvimento integral do senso percep-

(<sup>26</sup>) POPPOVIC, Ana Maria, Prontidão a alfabetização; programa para o desenvolvimento de Funções Específicas, São Paulo, Vetor, 1966.

## Percepção Visual - Descrição

Desde o nascimento os sentidos da criança estão prontos para captar e receber estímulos. A visão é imatura devido a ausência de estímulos luminosos no ventre da mãe. O recém-nascido vê melhor a uma distância de 20 a 22 cm e não pode fixar objetos mais próximos ou mais longe. É a oportunidade para o desenvolvimento da sensibilidade e estímulos visuais através do rosto da mãe. O recém-nascido, só enxerga em preto e branco em linhas retas e círculos.

### Objetivo Geral:

Permitir que a visão seja um instrumento de enriquecimento das experiências sensoriais em todas as áreas do desenvolvimento.

## Percepção Gustativa

### Objetivo Geral:

Permitir que a criança explore o mundo circundante e adquira reações adequadas aos estímulos gustativos apresentados. Lembrar que a criança passa por fases de desenvolvimento, é que a sua fase oral, deve ser aproveitada como um meio da criança receber estímulos exteriores.

Estes estímulos devem possibilitar-lhe a percepção de sabores diferentes; o doce, o salgado, o amargo, o azedo através dessas percepções é que se desenvolve o sentido do paladar.

## Percepção Auditiva

### Objetivo Geral:

Fazer com que a criança sinta que o ouvido é um instrumento de contacto com os estímulos ambientais.

Mesmo que a criança seja portadora de Deficiência Auditiva, o estímulo sonoro é imprescindível pois através deles, a criança irá perceber que vive num mundo sonoro, que todas as coisas que a rodeiam produzem ruídos. Precisa para isso, ser despertada, a perceber que as pessoas se movimentam, produzindo som; que falam, que cantam; que os animais também emitem sons; que os objetos se deslocando provocam som. Deve desde pequena receber estímulo musical, para que sinta que a música tem variações de tonalidade, de ritmo e melodia, enfim perceba as modulações do som.

### Percepção Tátil

#### Objetivo Geral:

Através da sensação tátil, fazer com que a criança esteja belega pelo seu sistema nervoso, contacto com o meio ambiente.

A percepção tátil é imprescindível para o desenvolvimento da criança, pois conforme ela vai recebendo as impressões, vão ocorrendo certas modificações no seu corpo de: acomodação dos estímulos, iniciando-se a integração dos vários campos sensoriais. Os estímulos tácteis incidem sobre a pele em diferentes partes do corpo, especialmente nas mãos e na ponta dos dedos, para se poder sentir: o calor, o frio, o macio, o áspero, e o prazer. É importantíssimo para a criança portadora de D.A. pois, serve como condutor de estímulos auditivos por via sensorial, onde geralmente se usa o vibrador (aparelho Suvag) como estimulante.

### Percepção Olfativa

#### Objetivo Geral:

Permitir que a criança sinta o mundo que a circunda, adquirindo reações corretas aos estímulos olfativos que receba.

O olfato e o gosto são percepções de menor importância para o desenvolvimento global da criança. Contudo pela faixa etária em que a criança vai ser estimulada, torna-se importante, pois começará a discriminar os objetos pelo cheiro. Oferecendo-lhe objetos de odores variados, ele aprenderá a diferenciar os alimentos: açúcar, sal, limão, etc; dos outros objetos como talco, perfume, etc.

Todas as percepções devem ser experimentadas e repetidas para que a criança realmente aprenda.

É importante assegurar que os brinquedos e materiais selecionados sejam sempre atrativos e de fácil manipulação e não perigosos. Sejam laváveis, e resistentes. Sugere-se como material para a área sensório-perceptiva: apito, sininhos, móveis, lanternas, papa-ventos, luvinhas estampadas, capas coloridas para mamadeiras, animais, bonecas sonoras e de material flexível, pirâmides de argolas, baralhos de figuras, cubos de encaixes, tapetes de cores vivas, bolas e bichinhos felpudos, chocalhos, etc.

## ESQUEMA CORPORAL

### Introdução

(<sup>27</sup>) Esquema corporal é a consciência do próprio corpo, de suas possibilidades motoras, isto é consciência também dos movimentos corporais, da postura e das atitudes. É uma estrutu

(<sup>27</sup>) VAYER, Pia, A criança diante do mundo na idade da aprendizagem escolar, Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1982, p. 37.

ra adquirida que permite a pessoa conhecer-se à si própria em qualquer momento e em todas as situações das diferentes partes do seu corpo, independente do estímulo sensorial externo.

O esquema corporal não é simplesmente uma percepção, ou uma representação mental do nosso corpo, mais (segundo Poppovic) a integração de várias gestalts, de vários todos em contnua modificação.

É a base indispensável de todas as aquisições motoras.

É a comunicação consigo mesmo e com o meio. Não é a comunicação verbal propriamente dita, mas uma boa evolução de motricidade, das percepções espaciais e temporais, e da afetividade.

Uma criança com bom desenvolvimento motor, conhecerá bem seu corpo e através dele chegará ao domínio do espaço e adequação no tempo.

A afetividade de criança exprime-se através da postura, atitudes e dos comportamentos.

#### Objetivo Geral:

Conscientização do corpo.

(<sup>28</sup>) Orientações - As atividades de tomadas de consciên-  
cia de si mesmo, servirão de pré-requisitos para a aprendizagem  
subseqüente.

- a) Reconhecer em si, partes do seu corpo com o auxílio do espelho.
- b) Transferir partes do corpo para outras pessoas.
- c) Reconhecer partes de seu corpo de olhos fechados.
- d) Transferir em bonecos (objetos concretos).

(<sup>28</sup>) VAYER, Picq., obra citada em rodapé, pg. 38 e 39.

- e) Transferir para bonecos de encaixe (madeira).
- f) Transferir em figuras.
- g) Transferir para o plano gráfico.

A estimulação precoce, procura, desenvolver esta noção corporal, através de uma efetiva programação de trabalho nas áreas das sensações (pois as sensações no bebê provêm das vísceras e do tato). Os movimentos viscerais da boca, da pele, as carícias, as manipulações de objetos é que lhe dão consciência de si próprio. São os movimentos realizados em função da proprioceptividade ou extraceptivos que recebe, é que vão lhe dando condições de comunicação consigo e com os objetos.

Aos 9 meses suas experiências serão enriquecidas pelas impressões que provêm do labirinto, da percepção e da motricidade. Dos 11 aos 13 meses, as impressões são enriquecidas pela ampliação do campo visual, e possibilidades de movimento lhe ampliam o espaço.

Aos 18 meses, tem consciência de seu corpo, mais ainda não o projeta em relação ao corpo dos outros.

Aos 2 e 3 anos, os órgãos de eliminação assumem papel importante, assim como usava a mão e a boca no início.

#### ORIENTAÇÃO ESPACIAL E TEMPORAL

Não se pode separar a noção espacial da temporal.

##### Objetivo Geral:

Orientar-se no espaço é ver-se, e ver as coisas, no espaço em relação a si próprio. É avaliar os movimentos e adaptá-los no espaço.

Orientar-se no tempo é situar o presente em relação a um

"antes" e a um "depois". É avaliar o movimento no tempo, distinguindo o rápido do lento, o sucessivo do simultâneo. É situar os momentos do tempo, em relação aos outros.

Estas noções são adquiridas juntamente com o esquema corporal. A medida que o bebê tem noção do seu corpo, adquire a noção do espaço que ocupa, e do que o rodeia.

Contudo deve-se compreender o tempo sob 2 aspectos: o tempo interno e o tempo externo. O tempo interno próprio de cada sujeito e o tempo externo ao qual ele deve adaptar-se (adquirido através da orientação temporal).

Aos 3 anos a criança de desenvolvimento normal, já adquirirá a noção temporal e espacial sem saber contudo, denominar os acontecimentos.

## O RITMO

O ritmo, abrange a noção de ordem, de sucessão, de duração e alternância.

### Objetivo Geral:

O ritmo acompanha o homem desde tenra idade (balbuciar, mais os movimentos de pernas e braços).

Os movimentos corporais e percepção do som formam uma unidade.

O corpo humano é especialmente sensível à frequências baixas, e estas servem de base para o ritmo e melodia da fala.

O ritmo faz parte da vida da criança; ela desenvolve a próprioceptividade desde os primeiros passos sem ritmo, até adquirir a marcha com metria e ritmo.

Na fala, a articulação exige um processo de desenvolvi-

mento corporal global, daí o processo de reabilitação partir de movimentos macro-motores, aos micro-motores.

A criança para desenvolver a fala necessita o domínio de coordenação de músculos de ações opostas: tensão e relaxamento.

Logo, movimento e som constituem uma unidade; sem movimento não há som, som é movimento. Este movimento contudo, deve ser ordenado e ritmado, para produzir condições ótimas para produção da fala.

Dentro da reabilitação da criança D.A. e D.M. o ritmo musical é dado, porque a base principal da fala e dos movimentos corporais, é o ritmo e a entonação.

## LATERALIDADE

### Objetivo Geral:

Levar a criança a escolher e utilizar um dos lados de seu corpo.

Lateralidade é o uso preferente que as pessoas fazem de uma ou de duas partes de seu corpo.

A dominância lateral portanto, é a repartição das funções nos 2 hemisférios cerebrais. Lateralidade é, basicamente, uma questão neurológica. Contudo isto não quer dizer que uma criança não possa usar as duas mãos ao mesmo tempo, usando uma mão como apoio da coordenação, entre as duas.

A preferência pela lateralidade contudo vai se estabelecer mais ou menos aos 3 anos (antes disso a criança apresenta de acordo com seu estágio de desenvolvimento, indiferenciação lateral).

É importante que a orientação natural do organismo da criança seja respeitada, para não haver desorganização de outras funções futuramente.

## EQUILÍBRIO ESTÁTICO E DINÂMICO

### Objetivo Geral:

Favorecer a aquisição de controle mental nas atividades motoras, procurando amenizar as dificuldades na execução de movimentos e na posição estática.

A criança até um ano de idade, tem apenas reflexos, mas não coordenação motora.

Através do tato ela vai descobrindo as partes de seu corpo, conscientizando-se, comparando-o para finalmente identificar nos outros, as partes do esquema corporal.

Aos seis meses deverá ter a sustentação do seu tronco. Aos 6 meses, já sentará começando aí o seu uso de equilíbrio estático e seu desenvolvimento motor, para iniciar o processo de engatinhar.

Por volta dos 7 a 8 meses, deverá ficar em pé com apoio. E aos 9 para 10 meses para algumas crianças; e para a maioria, a partir dos 12 meses, deverá estar preparada para a locomoção, em que utilizará o equilíbrio estático e dinâmico. Próximo aos 2 anos já será capaz de correr. Aos três anos já anda bem, sobe, desce escada com alternância.

Para que a criança adquira esses estágios, deverá ser trabalhada em coordenação dos macro-movimentos e equilíbrio: rolar, arrastar-se, engatinhar, correr, movimentar-se, subir, descer, pular, andar, entrar, sair, etc.

## A COORDENAÇÃO GERAL (Marcha, Corrida e Saltos)

### Objetivo Geral:

Dar a criança uma associação dos componentes corporais aos diversos objetos da vida cotidiana, com um conhecimento mais analítico do espaço e dos gestos.

Dentro da orientação espaço-corporal, a criança exercitará todas as suas possibilidades corporais.

A criança pelos exercícios vai movimentar-se:

- a) de forma analítica: chegará ao domínio corporal através de exercícios de coordenação, equilíbrio, inibição e destreza.
- b) de forma sintética: tentará adaptar seus movimentos ao objeto a ser alcançado; procurando por intermédio de seu corpo expressar uma ação, um sentimento, uma emoção. É necessário a criança sentir o equilíbrio das forças musculares, flexibilidade e agilidade.

## RESPIRAÇÃO

### Objetivo Geral:

Propiciar à criança estabilidade e postura da coluna vertebral, treinando as funções intelectuais e atenção, juntamente com a respiração.

(<sup>29</sup>) "Sabe-se que, o processo de respiração está perfeitamente ajustado à postura do corpo pela própria lei da gravidade" (in pud - Alves, Tamir).

(<sup>29</sup>) ALVES, Tamir B., Obra já citada em rodapé, p. 70.

A respiração é mais fácil quando o corpo estiver na posição correta, suportando o seu peso na estrutura do esqueleto.

A respiração está ligada diretamente a aspectos emocionais; por isso mesmo, a criança ansiosa, tensa, desatenta, tem dificuldades no controle da respiração. Segundo Alves, Tamir (in pud) "A existência de interligações funcionais entre o centro nervoso respiratório e determinadas partes corticais e subcorticais do cérebro, tem sido demonstradas de forma que não deixam dúvidas".

O trabalho de respiração por isso, deverá ser baseado nas sensações da própria criança que passará a ter uma respiração controlada e correta, atuando diretamente nas funções deficientes (principalmente nos deficientes auditivos para criar condições satisfatórias para a fala).

É aconselhável que os exercícios respiratórios sejam feitas após uma sessão de relaxamento, que prepara a criança para a respiração.

## RELAXAMENTO

### Objetivo Geral:

Eliminar as tensões, proporcionar a relaxação mental, proporcionando a criança um estado de calma muscular, melhorando a distribuição do tônus muscular e emocional.

O relaxamento, visa diminuir a hipertonia, decorrente do estado emocional tensional, repercutindo no comportamento da criança.

Sua finalidade básica é a integração consciente dos diferentes estados de tensão, promovendo a unificação psicossomática da criança.

Segundo Picq-Vayer, relaxamento não é meio, mas fim.

Ele educa e organiza o esquema corporal (pois a criança vai relaxar partindo do global para os segmentos). Ele liberta as tensões afetivo-motoras (pois as sessões iniciais buscam adquirir a confiança, e a desinibição da criança).

Segundo Pic-Vayer ainda, os técnicos de relaxamento estão na base da educação do Esquema Corporal.

Dentro da Psicomotricidade Diferencial verifica-se um trabalho de:

1) Coordenação dinâmica das mãos; que é a colocação em ação simultânea dos grupos musculares diferentes, com vista a execução de movimentos voluntários mais ou menos complexos.

Estes tipos de coordenação são regidos pelas vias neuro-cerebelosas, que dominam o funcionamento estático; equilíbrio estático e cinestésico, equilíbrio dos movimentos automáticos e não automáticos.

O equilíbrio requer muita atenção e energia da criança pois quando ela se sente desequilibrada ela não liberta as mãos.

(<sup>30</sup>) O equilíbrio correto é a base essencial de toda a ação diferenciada dos membros superiores, assim como, a percepção interna da articulação dos músculos, de um movimento do segmento".

A criança muito pequena (até 2 anos) deve ser trabalhada em movimentos de pinça, de preensão palmar, associada ao equilíbrio pois não tem os movimentos coordenados. De 2 a 3 anos, já sobe e desce escadas (alternância), portanto já apresentará

(<sup>30</sup>) ALVES, Tamir B. Obra já citada em rodapé, p. 38.

maior equilíbrio e com isto inicia o processo de coordenação das mãos, realizando rabiscos (garatujas). Sua habilidade motora contudo, muitas vezes pode não estar bem definida, não tendo ainda a coordenação fina.

A partir dos 3 anos é que apresentará equilíbrio para frente, para trás e para os lados, melhorando sua coordenação das mãos.

2) Coordenação visomotora. Até um ano de idade, a criança apresenta maior desenvolvimento na coordenação visual do que motora. Até os 3 meses, ela tem mais reflexos, que coordenação motora. Sua parte motora vai se desenvolvendo à partir dos 3 a 4 meses, com a sustentação do tronco; aos 6 meses começam a engatinhar e tentar pegar os objetos que vê, pegando-o, sem intencionalidade contudo. Leva os objetos à boca. Segura objetos por 20 segundos mais ou menos. Segue os objetos com os olhos. Ao terceiro estágio contudo, (4 a 8 meses), segundo Piaget, já deverá ter coordenação viso-motora, transferindo objetos de uma mão para outra, unindo e separando objetos.

No 4º estágio (8 a 12 meses) já apresentará intencionalidade no que faz, sua coordenação viso motora já está bem aprimorada; levanta objetos verticalmente, tem preensão de pinça dos objetos; monta brinquedos simples.

No 5º estágio (11 ou 12 meses a 18 meses), já terá condições de realizar deslocamentos, anulando e repetindo ações, exercícios de enfileirar e empilhar cubos, tirar e colocar objetos em recipientes, armar e encaixar peças; rasgar, amassar papeis desenvolvendo a coordenação manual e digital.

No 6º estágio (18 a 24 meses) já inicia combinações men-

tais transformando o motor em mental. Desenhar, pintar, dobrar, recortar e colar papéis, desenvolvem-lhe a direção e fluência na coordenação viso-manual.

Aperfeiçoar o ato motor e visual, também a associação ao andar e passar entre móveis e brinquedos.

A partir dos 3 anos ela já passa para o papel, imagens do mundo que a cerca.

3) Orientação Espacial e Temporal. A orientação espacial deve ser realizada de maneira que a criança sinta o seu corporal, em relação ao mundo exterior. É através do movimento que se faz esta diferenciação, ou seja, a criança sente no seu interior o espaço exterior, executando essa aprendizagem de forma dinâmica. A percepção espacial significa a compreensão do objeto e do lugar que ele ocupa no espaço (espaço pessoal, espaço parcial, e global).

A noção temporal inicialmente é uma noção motora e gestual: é a duração de um gesto, de um deslocamento, de uma contração.

A relação entre os dois elementos espaço e tempo, concretiza uma forma de expressão corporal de todos os seus movimentos, suas ações. A proporção que a criança cresce é que vai enriquecendo qualitativa e quantitativamente esses conceitos.

4) Preparação para a fala. A preparação para a fala, inicia-se com a estimulação auditiva; familiarizando-a com os sons ambientais, e em alguns casos, preparando-a na leitura labial (receptividade e treinamento para tal). Realizando exercícios que identifiquem os estímulos auditivos, e sua procedência (lo

calização da fonte sonora, para que a criança diferencie o som da fala dos ruídos.

Estimulando-se a produção de sons naturais pela criança; a imitação desses sons (dos objetos, onomatopáicos, e da fala propriamente dito: vogais e fonemas).

O aparelho fonador deverá ser preparado para o mecanismo da articulação; pela imitação de movimentos faciais: dos músculos da face e da boca, pelos exercícios de respiração (expiração e inspiração com objetos e brinquedos interessantes à criança); exercícios de lábios, de bochechas, de língua, de maxilar etc. Combinando sons com objetos equivalentes, exercícios de associação de ação, à leitura labial (cumprir ordens); repetir canções infantis conhecidas, com ritmo, usando o elemento que a criança tiver: vogal, fonemas isolados (lalação). Este período preparatório predispõe a criança, a se interessar pela fala, afim de expressar seus sentimentos.

5) Preparação para a estruturação da linguagem. Depois que a criança adquirir os elementos essenciais à aquisição da fala, torna-se necessária a aprendizagem da linguagem estruturada; que procura exercitar a combinação de sons significantes pela repetição dos nomes pessoais, partes do corpo, brinquedos, alimentos, animais, vestuário, objetos pessoais, etc, etc. Para enriquecimento da linguagem interior. O emprego dessas palavras na ocasião que se apresentem e se tornem necessárias, é imprescindível; dessa forma, a criança vai estruturando interiormente, e começando a verbalização.

A criança deficiente auditiva contudo, apresentará grande dificuldades de emissão e estruturação de frases, ou da lin

guagem propriamente dita. Para se desenvolver a inteligibilidade e clareza da expressão verbal da criança D.A., dando-lhe organização e princípios gramaticais (coisa que a criança ouvinte normal, adquire inconscientemente)

(<sup>31</sup>) Florence Fitzgerald propôs o uso da "Chave" que procura de maneira sistemática ordenar logicamente a linguagem, evitando erros de construção gramatical da frase, e a própria omissão comum na linguagem da criança surda.

A Chave é apresentada a criança através de símbolos, que serão substituídos posteriormente.

Os símbolos são os seguintes:

verbo	pronome
particípio	adjetivo
nexos de união	gerúndio
infinitivo	substantivo

O encabeçamento da Chave usado na 1ª secção de Jardim de Infância é:

Quem                                      Que                                      Que cor

tratando-se de crianças de 3 anos, só se fazem distinções das figuras.

A Chave é extensa, seguindo passos pré-estabelecidos que exigirão do aplicador conhecimento e firmeza na sua utilização.

## 6) Preparação para a Matemática.

### Objetivo Geral:

Desenvolver na criança a intencionalidade através da ex-

(<sup>31</sup>) DORIA, Ana Rimoli de Faria, Manual da educação da Criança Surda, Rio de Janeiro, MEC. INES, 1961, p. 248.

ploração ativa; desenvolver a percepção da relação de causa-efeito, relacionando-a com a colocação dos objetos no espaço.

A criança para chegar futuramente a noções matemáticas, deverá primeiramente adquirir noções básicas, como: posições dos objetos no espaço, raciocínio lógico para antecipar a solução de problemas; através do treinamento de antecipação de direção e percurso dos movimentos dos objetos no espaço; de inversão, de retorno dos objetos estímulos à posição anterior; da associação de dados para despertar a capacidade de estabelecer relações entre os estímulos, etc. Os exercícios que requeiram a repetição, são importantes para exercitar a memória; exercícios de separar, agregar, empilhar, etc., ajudam a criança a desenvolver-se nas habilidades de manusear objetos, identificando-os pela forma, peso, espessura, cor, etc.

## 8.0. SUGESTÕES DE ATIVIDADES DE ESTIMULAÇÃO

### 8.1. PRIMEIRO ANO DE VIDA

No primeiro ano de vida, as sugestões são indicadas mais para as mães, que para as professoras, pois o atendimento fora de casa, será relativamente pouco, pelo período de vigília, de alimentação e necessidades do bebê.

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
1º MÊS: Partici- par de ativida- des elementares	- A mãe com estímulos visuais e auditivos: (chocalho e lanterna acesa deslocando o obje-	Chocalho (vermelho e amarelo)

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
no ambiente familiar (mãe e filho).	<p>to para direita e esquerda; sorrir e falar com o bebê a uma distância de 15 a 30 cm. Deverá usar os estímulos por 1 a 2 (bebê em decúbito dorsal).</p> <p>- A mãe canta para o bebê ou coloca música, embalando-a no som.</p> <p>- Levantar os ombros da criança para cima e para baixo com música.</p> <p>- Se tiver vibrador (mini-Suvag) usá-lo por 5 a 6m, diversas vezes ao dia.</p> <p>- Exercícios de oposição de dedos, rotação, etc fazê-lo pegar o pé. Cruzar o padrão, movimentar braços e pernas sem mover o corpo; chorar e sorrir.</p>	<p>lanterna</p> <p>música</p> <p>vibrador (mini-Suvag).</p>
2º MÊS: Concentração da visão, audição e localização do som.	<p>- A mãe perto da criança falando ou cantando com intensidade maior.</p> <p>- Exercícios circulares. Com o chocalho, a lanterna e o vibrador (na clavícula, mãos e ombros). Durante 1 a 2m, parar um pouco, repetir o exercício,</p>	<p>Chocalho lanterna</p>

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
	até o bebê dormir. (em decúbito dorsal).	
	- Rastejar em decúbito ventral terminando por arrastar-se em padrão cruzado.	
3º MÊS: Fazer a criança sentir, para o subconsciente gravar.	- A mãe falando mais alto, faz os exercícios circulares com o chocalho e a lanterna da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, para cima, para baixo, em frente, atrás, etc (1 a 2m) fixando-se na visão do bebê, para a automatização dos movimentos.	Chocalho lanterna
	- Deixar brinquedos a vista da criança durante 1m, sempre com música, falando ou cantando.	brinquedos
	- Os mesmos exercícios feitos por outra pessoa, e o bebê no colo da mãe.	
	- Montar jogos de pedras, sob a observação do bebê.	jogos de montar
	- Treinar a segurar a mamadeira com as mãos.	mamadeira
	- Sentir nas mãos: (palitos) fechando e abrindo para segurar ou soltar os palitos.	palitos (amarelos e verm.)

<u>.Ob. Específico .</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
	- Usar o vibrador na palma da mão (com o mínimo de intensidade).	vibrador
4º MÊS: Fazer a criança coordenar movimento visomotor.	- Com dois chocalhos de cores diferentes, a mãe faz a criança tentar pegar: padrão simples e depois cruzado. - Levantar a criança até sentá-la junto consigo, puxando-a pelas mãos (separadamente uma de cada vez). Deitá-la novamente.	Chocalhos (cores diferentes) cama
- Levar a criança a observar e fixar a atenção em determinados objetos.	- Exercitar a atenção da criança fazendo-a visualizar a colocação do bico na mamadeira. - Aumentar gradativamente a distância dos objetos (40 a 80 cm de distância). - Falar ao mesmo tempo que realizar os exercícios.	mamadeira bico objetos de borracha interessantes
- Estimular a audição da criança.	- Chamá-la de um e de outro lado do berço, fazendo-a procurar a fonte sonora. - Embalá-la colocando a mão na sua orelha, cantando vogais e fonemas. Ex.: a, a, a, a, u, u, u, pa, pa, la, la, procurando dar uma intensidade baixa e obser-	berço

<u>.Ob. Específico .</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>. Recursos</u>
	var na qual a criança reage me lhor, usando-a mais. - Usar o vibrador na mão fecha da da criança.	vibrador
5º MÊS: Treinar a destreza vi- sual e apreen- são motora.	- Com duas lanternas ou choca- lho de cores; passar de uma mão para outra fazendo a criança olhar de um objeto para outro. Tentar levar a criança a imitá- la.	lanternas chocalhos
- Treinar a co- ordenação glo- bal da criança, e sua atenção e localização de espaço.	- Amarrar ou amparar com almo- fadas a criança sentada. A mãe numa distância de 4 metros, aproximar-se um pouco da crian- ça com o estímulo na mão, fa- lando com a criança "Olhe o que a mamãe trouxe para você!" fa- zer com que ela tente pegar o estímulo. Explorar a mamadeira que é de interesse da criança.	cadeira brinquedos mamadeira
- Fazer a crian- ça sentir seu próprio corpo.	- Utilizando o espelho, refle- tir a imagem de ambos (mãe e bebê), rir, fazendo a criança imitá-la (de 1 a 2m). - Chama a criança no espelho pe- lo nome (20 a 30 segundos).	espelho
.	- Deixa em seguida de rir, mu- .	.

<u>.Ob. Específico .</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos .</u>
	dando a fisionomia para triste ou séria (20 a 30 segundos).	
- Estimular <u>au</u> ditivamente a criança.	- Sempre que a criança estiver acordada estimulá-la com música (menos ao comer e dormir).	rádio, ou toca-fitas
	- Usar o Mini-Suvag, com o vibrador levar criança a sorrir.	Suvag Vibrador
- Fazer a crian <u>ça</u> descobrir que produz som.	- Levar a criança a sorrir, ou emitir sons no microfone para saber que ela tem sonoridade.	microfone
6º MÊS: Estim <u>u</u> lar a motrici- dade e a fun- ção vestibular.	- Levantar a criança até ficar em pé, segurar a criança até cansar. Repetir o exercício vá- rias vezes ao dia, principal- mente quando trocar as fraldas.	cama brinquedos cadeira
	- Sentá-la perto de uma mesa e estimulá-la a pegar objetos no seu campo visual (de 1 a 2m).	
- Levar a crian <u>ça</u> procurar a segurança, e es- timular as emo- ções.	- Com uma máscara de animal, al- guém se aproxima da criança que deverá estar no colo da mãe, e que o protegerá contra o me- do do desconhecido.	máscara de animal
- Incentivar a produção de som.	- Dar uma colher e ensinar a criança a bater na mesa, antes de comer.	colher mesa
- Desenvolver a	- A criança sentada, receberá,	cubos

<u>.Ob. Específico .</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
coordenação, a motricidade, a concentração e atenção, além da motricidade dos dedos das mãos.	da mãe dois cubos um em cada mão; a seguir a mãe oferece mais dois ajudando a criança a pegá-los. - Oferecer à criança (colorido quente) para que ela o pegue por 2m. - Depois desses exercícios a mãe servirá o alimento falando agora vou dar o papá: o arroz, a carne, o feijão, etc.	coloridos círculos coloridos alimentos diversos
- Treinar a lateralidade cruzada.	- Sentada, fazê-la pegar os dedos do pé: laterais e cruzado. Primeiro com auxílio da mãe, até ela fazer sozinha.	cadeirinha ou cama
- Discriminar as pessoas, da família pela voz e cheiro.	- As pessoas da família deverão falar bastante com a criança, para qual ela identifique as vozes (ou entonação). - Usar perfumes diferentes para cada pessoa afim de que a criança identifique-as pelo cheiro, e saiba diferenciar as pessoas por laços afetivos.	perfumes diferentes
- Estimular a discriminação auditiva.	- Chamar a criança de várias distâncias, assim como mudar a entonação da voz.	xícaras, móveis ar- rastados, panelas .

<u>.Ob. Específico .</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
- Estimular a audição.	- Usar o vibrador no tragus. - Usar fones para ouvir música (OBS.: A mãe coloca numa intensidade boa para ela).	Vibrador, fones, rádio
7º MÊS: Desenvolver a motricidade.	- Sentada (sem apoio). A mãe oferece dois cubos para ela pegar com uma mão apenas (2m). É importante que pegue 2 cubos com apenas 1 mão (mesmo que ajuda com a outra, no início). - Pegar a chupeta colocada próximo de si, e levá-la a boca (1 a 2m). Importante é o movimento de levar a chupeta à boca, e retorná-la no lugar que estava (o mesmo exercício com brinquedos).	cubos coloridos chupeta
- Desenvolver a motricidade global.	- Exercícios de levantar sózinha, quando deitada (2m). - Colocar um objeto na mão e passá-la para outra (2m) como brincadeira. - Dar a criança a mamadeira para segurar sozinha. (ajudá-la se for preciso).	brinquedos chamativos cama objetos mamadeira
- Treinar o desenvolvimento	- A mãe entra no quarto e se aproxima, falando e sorrindo	mãe, pessoa diferente

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
emocional (agra <sub>u</sub> dável e desagra <sub>u</sub> dável).	com a criança (transmitindo afe <sub>u</sub> to). - Outra pessoa faz o mesmo (mos <sub>u</sub> trando indiferença - 2m).	
- Treinar a la <sub>u</sub> teralidade e o padrão cruzado.	- Pegar com os dedos das mãos os dedos dos pés, padrão simples e cruzado.	mãos, pés
- Treinar a au <sub>u</sub> dição.	- Com o mini-Suvag (fones) colo <sub>u</sub> car música para criança. Colo <sub>u</sub> car a intensidade no limiar da dor da mãe e estimular o bebê (por 10m). Com a intensidade da música, falar com a criança pe <sub>u</sub> lo grito, balbucio, vocalização (10m - fazer a criança repetir sons significativos). - Usar o vibrador na mão. - A ouvido nũ, estimular a crian <sub>u</sub> ça cantando ou falando.	fones mini Suvag
- Estimular a coordenação mo <sub>u</sub> tora global.	- Engatinhar sobre as mãos e os joelhos, terminando por engati <sub>u</sub> nhar em padrão cruzado.	vibrador voz da mãe
8º MÊS: Desen <sub>u</sub> volver a coorde <sub>u</sub> nação motora glo <sub>u</sub> bal.	- Fazer a criança levantar-se e sentar-se sem ajuda (2m). - Com os cubos na mão, ofere <sub>u</sub> cer-lhe o chocalho e estimulando o bebê a jogar fora os cubos para pegar o chocalho.	cama, cubos chocalho

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
- Desenvolver a área cognitiva, pelo raciocínio lógico.	- Com uma fralda colocada à distância, colocar diversos brinquedos sobre ela. Fazê-la deduzir que, para pegar os brinquedos deverá puxar a fralda.	fralda brinquedos
- Reagir a estímulos visuais.	- Bater objetos que tenha em cada mão.  - Brincar de esconde-esconde com a mãe.  - Achar objetos escondidos, e no resultado positivo reagir batendo palmas, rindo, etc.	objetos sonoros  Pano  brinquedos
- Treinar a motricidade.	- Colocar cubos na mão da criança, ensiná-la a colocar ao lado do pé (lateral à mão que segue o cubo), ensiná-la a chutar o objeto (2 a 3m).	cubos
- Estimular a audição, estimulando o consciente e o subconsciente.	- Falar com a criança (durante 3 a 5m) cerca de 20 a 30 palavras que tenham sentido para a criança começando pelo <u>a</u> (ordem alfabética) a criança deverá estar no escuro e a mãe fala em voz normal. Quando terminar o alfabeto começa de novo. Observando as emoções e verbalização da criança.	quarto escuro, voz da mãe.

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
9º MÊS: Aprimo- rar a coordena- ção global.	- A mãe começará a ajudar a andar: ficar em pé, caminhar, segurar a criança pela mão (1 a 3m).	tapete ou chão limpo
- Estimular a área cognitiva. (percepção, aten- ção, memória, ra- ciocínio).	- Colocar o objeto fora da fral- da para que a criança perceba, que ao puxar a fralda, o obje- to não vem para suas mãos. A criança deverá aprender que ela deverá ocupar o espaço e puxar o objeto para ela.	fralda, objetos interessan- tes
- Treinar a mo- tricidade e equi- líbrio.	- Dar à criança um copo de água para segurar (1 a 3m); antes de beber, ensinando-a a levar na boca.	copo água
- Estimular au- dição associado à atenção.	- Fazer ruído com o chocalho mudando de lado, para a crian- ça procurar o som e o causador do som.	chocalho
Estimulação ver- bal.	- A mesma usada aos 8 meses.	
Treinar a crian- ça em ordens simples.	- Colocar objetos próximos a criança. Quando for pegá-los, dizer a ela que não pode pegar. Ou estimulá-la a pegar.	objetos
- O treinamento auditivo.	- Será feito com o mini-suvag, como nos meses anteriores.	mini-suvag

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
10º e 11º MÊS: Desenvolver a motricidade global.	- Apoiar a criança a andar sozinha amparando-a nos lados sem tocá-la (1 a 3m) várias vezes ao dia.	
- Desenvolver o pensamento (e a memória).	- Andar só pegando-a pela mão. - Mandá-la levantar uma perna e depois a outra (a criança segurando-se em alguma coisa). - Brincar com a criança com vários objetos. Esconder a bola sob um pano, enquanto a criança brinca com outros objetos. Pedir a ela então, onde está a bola? A criança deverá procurá-la e dá-la à mãe.	cadeira, sofá, etc brinquedos conhecidos da mãe
- Desenvolver a lateralidade e coordenação visuo-motora.	- Transpor cubos de uma vasilha seca para uma com água. (brincadeira para a criança que gosta de água). - Sentada; ensinar a criança a colocação certa das mãos como apoio para levantar-se.	cubos. bacias, água
- Preparar a criança para a seqüência temporal.	- Com outra criança junto, dar de comer às duas, alternando, ensinando que ela deverá esperar a sua vez e aguardar a mãe dar comida, também ao colega ou irmão.	alimento colher prato

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
- Estimulação verbal.	- A mãe fala uma palavra e a criança dialoga com a mãe (mesmo palavras sem sentido).	fonos vibrador
- Estimulação auditiva.	- Com os fonos, vibrador e ouvido nũ, a mesma estimulação de etapas anteriores. Nunca dormindo	
12º MÊS: Desenvolver a motricidade ampla, e equilíbrio.	- A mãe ensinará a criança a andar sozinha sem ajuda (várias vezes ao dia, de 1 a 5m). Deverá andar utilizando os braços para obter equilíbrio primário a maioria das vezes, com eles ao nível dos ombros ou mais acima deles.	chão limpo, tapete
- Desenvolver a coordenação visuomotor.	- Dar a criança dois cubos, para que ela segure com uma mão encostados ao peito para não cair, e estimulá-la a pegar com a outra mão, outro cubo que deverá estar fácil de pegar.	cubos
	- Tirar e por cubos dentro de uma caixa.	caixa de papelão ou madeira.
	- Dar na mão da criança um lápis em posição correta, e estimulá-la a rabiscos num papel.	papel, lápis
Exercitar a coordenação global	- Abaixar e levantar pegando objetos do chão.	objetos

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
- Estimular a compreensão e linguagem interior.	- Ensinar a criança o significado das palavras que ela já possui ( $\pm$ 10 palavras) associando o objeto ao seu significado. - Depositar diversos objetos ou brinquedos na frente da criança e pedi-los pelos nomes.	objetos significan <u>tes</u>
- Treinar expressões faciais.	- Emoção de alegria, quando a criança responde satisfatoriamente às expectativas de trabalho. - Tristeza quando a criança não colaborar ou jogar fora os objetos, etc.	objetos
- Treino em AVD (atividades de vida diárias).	- Vamos fazer pipi; vamos comer, vamos lavar as mãos, vamos calçar os sapatos (sempre estimulando auditivamente).	banheiro, pia, roupas, calçados, ali
- Treinar o relacionamento com as outras pessoas.	- Fique com seu irmão, que vou buscar água. - Vá no colo da vovó. - Vem com a mamãe, com o pai, etc.	mentos, etc pessoas da família

A criança em seu primeiro ano deve ser atendida de forma globalizada pois suas áreas de aprendizagem ainda estão muito inseridas uma na outra; ela receberá um atendimento mais

nas áreas motora, e sensório-perceptiva.

A partir do 2º ano contudo, pode-se dividir as áreas de atendimento, para melhor se poder avaliar o desenvolvimento da criança. Usando as seguintes divisões: Área de Linguagem; Área Cognitiva; Área sensório-perceptiva; Área motora; Área social; e de higiene pessoal.

## 8.2 SEGUNDO ANO DE VIDA

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
13º, 14º e 15º MÊS: Desenvol- ver a linguagem.	- Ensina-lo a observar: tocar e denominar: objetos e pessoas conhecidas.  - Ensina-lo o significado do <u>não</u> , sempre que pegar ou tocar coisas que não deve, dizer: "is to você não deve tocar, ou pegar" mais tarde, complementar com o porque: não toque aí, pois dá choque".  (OBS.: A atitude familiar deverá ser coerente, todos agirrem da mesma forma).	objetos de uso cotidiano (vivência)
- Treinar a aten- ção visual.	- Mostrar-lhe fichas ou livros, com gravuras grandes dos objetos conhecidos, dizendo-lhe <u>co</u> mo se chama cada uma.  (OBS.: Deverá colocar um só animal ou objeto em cada ficha,	figuras de objetos e livros  figura de animais

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
	e dar-lhe apenas três cada dia A criança reconhecerá e depois pronunciará os nomes.	
- Identificar ob- jetos e pessoas.	- Mostrar fotos dos familiares e seus nomes (mamãe, papai, etc).	fotos da família
- Estimular a fala, enrique- cendo a lingua- gem interior.	- Calçar e vestir a criança sem pre conversando com ela, e fa- lando o nome das peças.	vestuário
- Treinar a au- dição para a m <u>ú</u> sica.	- Cantar ou tocar música e dan- çar com a criança. Depois que terminar felicitá-lo e aplaudí- lo.	música
- Treinar e es- timular a coor- denação viso- motora.	- Dar a criança uma cartilha pa- ra que ela folheie, (manuseie e vire as páginas uma a uma) que vá vendo as letras e se fa- miliarizando, mas que vá vendo a leitura labial das palavras e fonemas.	cartilha
- Estimular a emissão com rit- mo e entonação.	- Trabalhar as entonações com brinquedos que dêem susto: oh! oh! (espanto) fingir que der- ruba objetos oh! oh! (desapon- tamento) e outras expressões.	brinquedos diversifi- cados
- Enriquecer o vocabulário.	- Reforçar sempre o vocabulá- rio. Este é o papai; este é o sapato do papai, etc.	mostrar os objetos e pessoas co- nhecidas
	- Trabalhar ordens simples	

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
- Treiná-la na execução de ordens simples.	com a criança (mostrar primeiro) e depois cobrar, "traga a bola", coma o pão, etc... - Levar a criança ao supermercado e pedir para lhe ajudar a achar o açúcar, o leite, o pão etc. - Sair a passeio com a criança, e mostrar-lhe o que a rodeia de nominando a árvore, a flor, o auto etc. Pedindo a ela que repita. - Chamá-lo pelo nome sempre, e pedir que ele repita, dar-lhe jogos, com outras crianças pedindo a ela que imite a outra criança.	bola, urso de pelúcia pão, bolacha, etc. supermercado árvores, flores, automóvel jogos de montar
- Prepará-la para atividades de vida social.	- Ensinar a criança a imitar os adultos em tarefas simples. Sacudir a roupa, dar a mão cumprimentando, arrumar a cama, guardar as cobertas (mostrando-lhe sempre onde vão as coisas) - Começar a acostumar a criança a permanecer só em seu quarto por curto espaço de tempo, com seus brinquedos (voltar a se mostrar para que ela se sin	roupas cama cobertas brinquedos

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
	ta segura que a mãe não se foi)	
	- Brincar de esconder e apare <u>cer</u> .	
	- Levá-lo a explorar o meio ambiente: "aqui é o banheiro", "aqui nós comemos". Aproveitar e mandá-la buscar o pente no banheiro, etc.	peças da casa
	- Estimular a criança a brincar com a boneca: vestir, ali <u>mentar</u> , e ninar a boneca.	boneca roupas de boneca,
	- Ensiná-la a dar tchau, a jo <u>gar</u> beijos e bater palmas.etc e sempre elogiá-la quando fi <u>zer</u> .	alimentos
- Treinar sua área cognitiva.	- Retirar e colocar objetos em caixas.	cubos co- loridos,
	- Transpor objetos de uma cai <u>xa</u> na outra.	bolas colo <u>ridas</u> (gran <u>des</u> que não ponha na boca)
	- Brincar com objetos dando ordens: Coloque em cima da me <u>sa</u> , dentro, fora, maior, me <u>nor</u> , etc, etc.	objetos
- Reconhecer e identificar o esquema corporal.	- Em frente a um espelho mos <u>trar</u> -lhe as partes do corpo.	espelho
	- Perguntar-lhe onde estão as partes de seu corpo.	boneca
.	. - Mostrar também na boneca.	.

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
- Exercitar atençã <u>o</u> , equilí <u>b</u> rio e coord. V.M.	- Construir torres de cubos (aplaudí-lo cada cubo que con <u>s</u> eguir colocar sobre o outro)	cubos
- Estimular a área táctil.	- Apalpar objetos ásperos, li <u>s</u> os, macios, etc (árvores, ca <u>ç</u> orro, sabonete, espuma, etc)	casca de árvores, cachorro
- Exercícios de resp. e sopro.	- No banho, realizar espumas de sabão para a criança assoprar.	água sabonete
- Área motora.	- Fazer a criança jogar ou ro <u>l</u> lar bolas pelo chão (aumente a distância progressivamente, e diminua a ajuda que lhe dá)	bolas
	- Derrubar objetos com uma bola, (usar bolas de diferentes tamanhos e texturas).	garrafas de plástico
	- Fazê-la manipular todo tipo de objetos.	(boliche)
	- Rolar, puxar, empurrar brin <u>q</u> uedos. Sempre que o fizer bem, aplaudí-lo.	objetos variados
- Estimulação a coordenação vis <u>o</u> motora.	- Empilhar ou enfiar argolas em um pino. Auxiliá-lo no iní <u>c</u> io, e depois levá-lo gradati <u>v</u> amente a realizar a atividade sozinho. Felicitá-lo sempre que tentar realizar a tarefa.	pirâmide de argolas de encaixe
	- Encaixar pinos em um tabu <u>l</u> eiro especial.	

<u>Ob. Específico</u> .	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
- Treinar o equi <u>i</u> l <u>í</u> br <u>io</u> motor.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Riscar com lápis de cêra nu- ma folha grande.</li> <li>- Brinquedos de encaixes de pe<u>pe</u> ças triângulos, círculos e qua<u>qu</u> drados.</li> <li>- Subir e descer pequenos lan- ces de escada. Ensiná-lo a se<u>se</u> gurar-se no corrimão. Se neces<u>ne</u> sário ajudá-lo a levantar a per<u>per</u> na.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>folha</li> <li>lápis de cera.</li> <li>brinquedos de encaixe escada com corrimão</li> </ul>
- Prepará-lo pa <u>pa</u> ra adquirir há- bitos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Marchas militares com movi- mentos bem exagerados.</li> <li>- Abaixar-se e levantar, pegan<u>peg</u> do objetos no chão.</li> <li>- Andar como anão e como gigan<u>gig</u> te.</li> <li>- Realizar brincadeiras que exi<u>exi</u> jam movimento corporal total (ex.: serra-serra).</li> <li>- Ensiná-lo a beber num copo ou caneca, com pouca quantidade de líquido para que ele aprenda so<u>so</u> zinha a não derramar. Inicial- mente ajudá-lo a segurar a ca<u>ca</u> neca, depois fazer com que ele faça sozinho.</li> <li>- O mesmo exercício com a colher e alimentos, usando inicialmen<u>in</u></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>tambor p/ ritmar</li> <li>objetos variados</li> <li>copo ou caneca</li> <li>líquido</li> <li>colher</li> <li>alimentos.</li> </ul>

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
	te alimentos que aderem à colher: papas, pudins, gelatinas etc.	
- Ensiná-lo a vestir-se:	- Fazer a criança colaborar com o vestir-se: pedindo-lhe que estique o braço, coloque a mão na manga, etc.	vestuário
- Condicionar a higiene, e necessidades fisiológicas.	- Ensiná-lo a usar o "troninho" para suas necessidades: observar a hora em que a criança costuma realizar suas necessidades e procurar condicioná-lo ao troninho, fazer com que sente e estique as costas no corpo da mãe, que ficará atrás.	troninho (ou penico)
16º, 17º e 18º MÊS: Estimular a linguagem.	- Ensinar-lhe as partes principais do esquema corporal cobrindo-lhe em fala os elementos mais fáceis: boca, olho, cabelo, etc (tocar e perguntar à criança o que é, onde está?)	
- Treinar o esquema corporal.	- Na frente de um espelho, reconhecer-se a si e a mãe, falando seu nome. Mostrar fotos da criança em um grupo, fazê-	espelhos fotos

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
	la identificar-se Felicitá-la se conseguir.	
- Enriquecer o vocabulário	- Ensinar-se sempre palavras novas conforme surjam oportunidades: o prato, a colher, etc (de frente para a criança iniciar leitura labial). - Estimulá-la a usar o "mais" e "acabou".	objetos diversos
- Treiná-la na execução de ordens simples.	- Iniciar o trabalho de obedecer e entender ordens simples vem cá, dê-me a bola. - Com gestos se preciso, iniciar a compreensão e utilização do "eu", "você", "meu". - Falar sempre estes elementos, quando se dirigira criança.	brinquedos
- Estimular a área cognitiva.	- Mostrar uma bola, e dar uma caixa com diversos objetos mandando-a achar a outra bola. - Agrupar lápis, bolas, etc (os iguais).	bolas, lápis, animais de borracha, bonecas etc
- Realizar associações mentais.	- Mostrar um livro de gravuras, escolher uma gravura separada, e mandar a criança achar folheando o livro a gravura igual. Ajudá-la no início. Felicitá-la no final quando conseguir.	gravuras livro de gravuras

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
- Treinar a coordenação visomotora.	Utilizar material de encaixar com formas geométricas (círculos, quadrados, triângulo).	encaixes
	- Montar quebra-cabeças simples (inicialmente de 2 peças. Ex.: uma bola cortada ao meio)	quebra-cabeças
- Criar hábitos sociais	- Reforçar as orientações anteriores de não mexer nos objetos de casa.	
	- Cumprimentar as pessoas quando vêm visitá-los.	objetos pessoais e
	- Dividir suas guloseimas com os amiguinhos.	guloseimas
	- Reforçar o comportamento certo.	
- Desenvolver a coordenação visomotora.	- Estimular o desenho de garatuja; quando estiver bem firme, ensiná-lo a riscar verticalmente, e horizontalmente aproveitar o vão entre pisos do chão. Depois que ele souber linhas horizontais e verticais começam a treiná-la nos círculos.	papel, lápis de cêra, tintas, lápis de côr, etc
	- Continuar os encaixes de pinos (agora indicando-lhe que deve colocar de acordo com o tamanho). Ajudá-lo a fazer	torre de argolas

<u>Ob. Específico</u> .	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
	inicialmente, depois deixá-lo realizar só).	
- Desenvolver a área motora.	- Puxar carrinhos pelo fio. - Continuar os exercícios de subir e descer escadas. - Ajudá-lo a confeccionar torres com cubos. - Ensiná-lo a desembrulhar balas e doces, recebendo-os como prêmio pelo exercício praticado.	carrinhos fio escada cubos balas, bombons, etc.
- Exercitar a coordenação, para alimentação.	- Fazer com que ele já realize a alimentação sozinho segurando a colher. A mãe ajuda a segurar o prato apenas. Não reprimá-lo se derramar o alimento. - Ensiná-lo a chupar líquidos com canudinho (que não é para assoprar, mas para sugar o líquido). Cumprimentá-lo quando conseguir.	colher prato copo canudinho
- Ensiná-lo a independência ao vestir-se.	- Ajudá-lo a vestir-se ensinando-o a utilizar as partes certas do corpo para o vestuário. Ensiná-lo como tirar as calças, como colocar as meias e os sapatos.	vestuário

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
- Exercitar os hábitos de eliminação e higiene.	- Continuar ensinando que o lugar certo de eliminação é o troninho. Estimulá-lo a realizar suas necessidades fisiológicas lá. Ensiná-lo a lavar o	troninho
- Treiná-lo em A.V.D.	rosto seguindo todos os passos Abrir a torneira, molhar as mãos, levá-las ao rosto, esfregá-lo, tornar a enxaguar as mãos, passar no rosto, fechar a torneira, enxugar com a toalha.	torneira água toalha
	- O mesmo com a higiene dentária: pegar a escova, passar pasta, abrir a torneira, enxaguar a boca, escovar com a escova, ensinando-lhe os movimentos certos, cuspir a espuma, enxaguar a boca, lavar a escova e fechar a torneira, enxugando a boca.	escova pasta
	- Ensiná-lo a realizar tarefas simples de casa, como limpar o pó dos móveis.	pano de pó
19º, 20º e 21º MÊS: Estimular a linguagem.	- Identificar objetos familiares pelo seu nome. Procurar sempre perguntar-lhe: "o que é isto".	objetos diversos.

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
- Discriminação auditiva.	to?" Não pressioná-lo contudo a falar.	
	- Identificar o seu nome pela audição ou pela leitura labial. Depois que identificar-se, ensiná-lo a pronunciar o seu nome (sílaba por sílaba).	
	- Identificar às pessoas de família (mais chegadas), mandando-as levar objetos à pessoa que se queira fixar o nome.	pessoas da família objetos
- Enriquecer o vocabulário.	- Ensiná-la sempre que quiser comer ou beber o nome dos alimentos. Realizar sempre que possível o feed-back das palavras.	alimentos água
- Relembrar a crianças hábitos sociais.	- Começar a ensinar a criança a relação entre ação e consequência; ex: não fiques na cozinha que é perigoso, pode se queimar no fogão, etc.	cozinha, panela, fogão, etc.
	- Cumprimentar ao chegar e sair com cumprimento simples: olá, oi, e tchau ao sair.	
	- Conversar com a criança sempre que possível.	
- Discriminação	- Continuar a ensiná-la a se-	

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
visual.	parar objetos idênticos.	objetos
- Treinar a co- ordenação viso- motora.	- Traçar linhas em diversos sentidos.  - Dar a noção de grande e pe- queno mostrando a criança cu- bos de diferentes tamanhos.  - Levar a criança a observar	iguais, papel, lápis de cêra  revistas
- Desenvolver a percepção vi- sual.	em revistas as ações "olhe a menina está de bicicleta, ela joga bola", etc).  - Dar a noção de muito e pou- co paralelamente à noção de grande e pequeno, fazendo a criança perceber concretamen- te com brinquedos.	brinquedos
- Discriminar a cores.	- Ensinar as cores vermelho e amarelo à criança com di- versos brinquedos.	cubos bolas
- Desenvolver a área motora.	- Enfiar contas (a princí- pio contas com orifícios grandes), pode ser macarrão grosso com um cordão de sa- pato, ensinar a criança a enfiar, e depois deixá-la fazer sozinha.  - Ensiná-la a rosquear e des- rosquear tampas de vidros (co- locar uma bala dentro do vi-	contas cordão de sapato macarrão  vidro tampa

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
	dro, para estimular a criança a abri-lo).	bola
- Exercitar o equilíbrio.	- Pular obstáculos, como sapatos, carrinhos, etc). Aplaudí-lo quando fizer sozinho.	sapatos carrinhos
- Adquirir hábitos sociais.	- Ensiná-lo a dizer obrigado, desculpe, por favor, mostrando-lhe sempre por ações, e reforçando-o com balas, quando usar as expressões.	bola
- Hábitos alimentares.	- Ensiná-lo a observar as coisas não comestíveis: colocar diversos estímulos na frente da criança, e perguntar o que se come e o que não se come, e explicar porque não se come!	alimentos objetos comuns
- Incentivar o ato de vestir-se.	- Mostrar-lhe como se abre um zíper. Treiná-lo a abrir primeiro em bolsas maiores e por fim nas roupas.  Usar estímulos dentro da bolsa para a criança sentir vontade de abrir.	zíper de calças, de bolsas, etc.
- Iniciar a formação de hábitos de ordem.	- Ensinar a criança onde se guarda e onde se tiram as roupas. Mandá-la pegar algumas peças de roupas, etc.	gaveta portas de armários

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
22º, 23º e 24º MÊS: Estimular e enriquecer a linguagem.	- Mesmo que a criança encontre dificuldades de emissão, mande a dar recados; chamar o papai; perguntar-lhe o que quer mostrando-lhe os alimentos ou brinquedos e quando ele escolher, realizar o feed-back "eu quero a bola" - "você quer o pão".	alimentos brinquedos utensílios domésticos
- Estimular a execução de ordens simples.	- Continuar estimulando as ordens simples: pegue a meia na gaveta; coloque a colher na mesa (se for possível realizar antes o modelo).	objetos pessoais
- Treinar a leitura labial.	- Sempre que ele mostrar interesse por objetos diversos e tentar lhe perguntar o que faz? ou o que é? Responda-lhe de frente, exercitando a leitura labial. Premie se ele tentar emitir.	
	- Explicar-lhe sempre que tirá-lo de uma situação de perigo "porque o está fazendo."	janela alta escada
- Desenvolver e interiorizar noções temporais.	- Iniciar as noções temporais com a criança; mostrando-lhe o dia e a noite. Dar-lhe bom dia! pela manhã. Boa noite ao deitar-se. Mostrar-lhe o sol e a lua.	objetos cortantes janela sol lua

<u>Ob. Específico</u> .	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
- Estimular a compreensão.	- Sentar com ele na televisão e ir gradativamente lhe explicando a seqüência do que vê.	televisão
- Desenvolver atitudes sociais.	- Ensinar a criança hábitos sociais: obrigado, desculpe, por favor, através do modelo para que ele passe a imitá-la.	
- Treinar as noções quantitativas.	- Sempre utilizar as expressões: "acabou", "não tem mais;" quando lhe der de comer.	alimentos prato
- Noções do esquema corporal.	- Ao dar banho, vestindo-o, ensinando-o, ensinar a criança as partes do corpo.	copo banheira sabonete roupas
- Desenvolver a área cognitiva.	- Treinar a criança nas noções noções em cima, embaixo, dentro, fora, com brincadeiras colocando, pondo, objetos sempre falando de frente para criança afim de que ela efetue a leitura labial.	brinquedos mesa cadeira, etc
- Desenvolver a coordenação visuo-motora.	- Encaixar figuras geométricas (depois que ele souber o círculo, quadrado e triângulo, ensinar-lhe gradativamente (uma a uma) as outras formas geométricas.	jogo de encaixe

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
- Desenvolver a percepção táctil.	- Noções de peso: faze-lo sentir o leve - pesado, o muito, e o pouco mais tarde (depois que ele assimilar estes dois, dar o grande-pequeno).	objetos de vários pesos, tamanhos e quantidades.
- Discriminação das cores.	- Encaixar peças com as cores primárias. Ajudá-lo enquanto precisar. Aos poucos diminuir a ajuda dada. E ir também aos poucos acrescentando cores novas.	jogo de encaixe colorido
- Discriminação táctil.	- O mesmo jogo de encaixar somente completar com diferentes texturas: lixas, pelúcia, tecido peludo, espuma, etc. Comece de 2 a 3 textura, acrescente outras aos poucos.	encaixes de diversas texturas
- Preparar para noções matemáticas.	- Continuar a ensinar o nome dos números e ir enriquecendo conforme a criança for assimilando.	objetos para contar
- Desenvolver a atenção e coordenação visomotora.	- Manter quebra-cabeças de figuras de animais, pessoas, objetos conhecidos, com três ou quatro peças.	gravuras recortadas em quebra-cabeças.
- Treinar noções temporais.	- Iniciar com a criança conceitos de hoje, ontem e amanhã.	calendário

<u>Ob. Específico</u> .	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
	<p>Usando a noção, praticamente:  "hoje nós não vamos porque é tarde, mas amanhã iremos". No dia seguinte levá-lo e falar: "ontem não fomos, mas hoje estamos indo"...</p>	
	<p>- Elogiá-lo sempre que usar o tempo certo e corrigi-lo discretamente quando errar.</p>	
<p>- Desenvolver a área viso-motora.</p>	<p>- Ensinar a criança a preensão correta do lápis, com a ajuda da mão.</p>	<p>papel lápis</p>
	<p>- Fazê-lo riscar a folha livremente.</p>	
	<p>- Amassar livremente o barro, massa de modelar ou mesmo areia. Fazer bolas, rolinhos, que desenvolvam a coordenação dos dedos.</p>	<p>barro massa areia</p>
	<p>- Riscar papéis com o auxílio de moldes (pratos, tampa de caixas, régua, etc).</p>	<p>papel prato</p>
	<p>- Realizar dobraduras, em papel: começar dando-lhe objetos para embrulhar, depois rasgar papéis: jornal, revista, etc.</p>	<p>caixa de sapato régua brinquedos</p>
	<p>- Dobrar folhas de papel ao meio, em triângulo, etc, sem-</p>	<p>revistas</p>

<u>Ob. Específico</u> .	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
<p>pre mostrar o modelo e deixar aos poucos, ele passar a realizar sozinho.</p> <p>- Recortar: dar-lhe uma tesoura de ponta redonda e ensinar-lhe a abrir e fechar (com a tesoura segura de forma correta), depois dar-lhe papel para cortar livremente.</p> <p>- Usar os desenhos e recortes para enfeitar a sala, a fim de estimulá-lo.</p> <p>- Enfiar macarrão grosso, contas de colar, etc em um cordão de sapatos (realizar como competição com outras crianças, para tornar mais atraente a atividade).</p> <p>- Graduar sistematicamente o tamanho das peças (diminuí-las).</p> <p>- Brincar com bate-pinos onde terá que encaixar os pinos para depois martelar.</p> <p>- Estimular a coordenação motora global.</p>	<p>pre mostrar o modelo e deixar aos poucos, ele passar a realizar sozinho.</p> <p>- Recortar: dar-lhe uma tesoura de ponta redonda e ensinar-lhe a abrir e fechar (com a tesoura segura de forma correta), depois dar-lhe papel para cortar livremente.</p> <p>- Usar os desenhos e recortes para enfeitar a sala, a fim de estimulá-lo.</p> <p>- Enfiar macarrão grosso, contas de colar, etc em um cordão de sapatos (realizar como competição com outras crianças, para tornar mais atraente a atividade).</p> <p>- Graduar sistematicamente o tamanho das peças (diminuí-las).</p> <p>- Brincar com bate-pinos onde terá que encaixar os pinos para depois martelar.</p> <p>- Treinar marcha em todos os sentidos (frente, trás, lados) usando simultâneamente a contagem: 1, 2, 3 e 4 (também com o som de palmas ou tambor para</p>	<p>tesoura papel</p> <p>cordão de sapato, macarrão, (contas de diversos tamanhos)</p> <p>bate-pinos</p> <p>tambor</p>

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
- Desenvolver o equilíbrio estático e dinâmico.	<p>marcar o ritmo).</p> <p>- Exercitar parado de braços abertos levantar a perna alternando; os braços alternando; dar voltas no lugar. Andar em círculos, etc. Elogiá-lo sempre que conseguir realizar o exercício.</p> <p>- Ordenar coisas simples: coloque o chapéu sobre a cabeça, atrás de ti, na frente, etc. Poderá usar espelho para a criança melhor imitá-lo.</p> <p>- Ensiná-lo a chutar uma bola grande: colocar a bola na sua frente e guiar o seu pé no chute (fazer o movimento modelo para a criança imitá-lo). Depois que ele aprender o movimento e conseguir com a bola parada. Começar o mesmo exercício com a bola em movimento, inicialmente em espaço curto e suavemente rolando a bola; se ele não conseguir o equilíbrio necessário ensiná-lo a segurar na parede ou muro. Felicitá-lo sempre que conseguir</p>	<p>chapéu, bola espelho</p> <p>bola</p> <p>parede muro</p>

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
	seguir.	
- Treinar a coordenação visomotora.	- Ensiná-lo a pegar (apreensão no ar, uma bola (que deverá ser grande e leve). Ensiná-lo e ajudá-lo a esticar os braços e apanhar a bola, dizendo; "aqui vem, agarre".	bola grande
	- Andar e se colocar nas pontas dos pés. Imitá-la a andar na ponta dos pés, e apanhar objetos no alto de uma mesa.	mesa objetos familiares
	- Iniciar o treinamento da criança em andar sobre uma linha (seguir a professora, que servirá de modelo, na <u>linha</u> <u>re</u> <u>ta</u> ).	linha feita de fita crepe, chão
- Desenvolver habilidades motoras e de equilíbrio.	- Treinar a criança a saltar de alturas variadas, começando com 5cm, pular na marca e fora dela. Ajudá-lo segurando sua mão: upa, suba, pule, viva! Aplauda-o sempre que conseguir. Aos poucos ir incentivando a realização individual da tarefa.	livro de ± 5cm de espessura banco, etc
	- Subir escadas alternando as pernas (usar um sapato de cada cor, e procurar colorir os <u>de</u>	escadas sapato fitas

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
	<p>graus da cor dos sapatos, para a criança identificar qual o pé colocar no degrau.</p> <p>- Ensiná-lo a escorregar num escorregador, relativamente baixo. Dar-lhe inicialmente todo o apoio, segurando-o pela mão.</p>	<p>(adesivas) coloridas</p> <p>escorregador</p>
<p>- Área Social</p>	<p>- Saudar as pessoas que encontra, se possível dando-lhe a mão, e dizendo: oi, olá, boa tarde, bom dia, boa noite.</p> <p>- Acompanhar o ritmo da música com palmas, e com o corpo (fazê-la sentir a vibração sonora) despertando-a para o ritmo.</p> <p>- Ensinar a criança a brincar de mamãe, dando de comer as bonecas. Pode ser feito grupalmente.</p>	<p>música</p> <p>boneca</p> <p>utensílios caseiros infantis</p>
<p>- Treinar a memória.</p>	<p>- Mostrar sua idade nos dedos, Quantos anos você tem? Auxiliar a criança a mostrar nos dedos.</p> <p>- Felicitá-lo quando conseguir realizar a tarefa.</p> <p>Ensiná-lo a esperar sua vez, e não interromper quando duas</p>	

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
	<p>peessoas conversam; sempre que ele interromper mostrar-lhe que não pode, e dar-lhe outra ocupação (riscar, montar, pintar, etc).</p>	<p>papel, lápiz, brinquedos</p>
<p>- Estruturação de hábitos de AVD</p>	<p>- Ensiná-lo a lavar as mãos com sabonete: seguir passos de AVD.</p> <p>- Abrir a torneira, molhar as mãos, pegar o sabonete, esfregar nas mãos, depositar o sabonete, enxaguar a mão, fechar a torneira, secar com a toalha, guardar a toalha no lugar.</p> <p>- Depois que ele souber lavar as mãos, realizar o mesmo exercício para lavar o rosto. (cuidar para não colocar sabonete nos olhos, para a criança não se intimidar com o exercício).</p> <p>- Ensiná-lo a assoar o nariz; dar o modelo com um pedaço de papel en frente a criança, assoprar o nariz assoando! Dar a criança o papel e ensiná-la a imitar.</p>	<p>água sabonete toalha</p> <p>lenço de papel</p>
<p>- Adquirir hábitos de ordem.</p>	<p>- Ensinar a criança a pendurar sua roupa quando tirar, em lugar específico (colocar um gan</p>	<p>roupas cabide ou gancho</p>

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
- Desenvolver a coordenação visuomotor.	cho a sua altura no banheiro ou no seu armário de roupas). Mostrar-lhe que todo dia ao tirar a roupa deve pendurá-la lá.	roupas de bonecas e de crianças com zíper e botões.
	- Abotoar e desabotoar roupa, de bonecas, a sua própria roupas. Mostrar-lhe como faz, e ajudá-la a fazer. Ensinar-lhe fazer pedindo-lhe que o faça com cuidado.	meia
	- Calçar e descalçar a meia (dar-lhe a meia com a boca aberta e sanfonada até a ponta para ser mais fácil).	casacos camisa
- Estimular hábitos de alimentação.	- Fazê-la vestir e desvestir, casacos, camisas, etc, que exijam a colocação de mangas, Ensiná-lo se possível com uma marca na roupa, qual é a parte dianteira e traseira da peça.  - Ensinar-lhe a usar o guardanapo após comer uma refeição. Estimulá-la pela brincadeira, que fazer com as bonecas, a usar o guardanapo nelas.  - Procurar deixá-la comer sozinha mesma que derrame. Felici-	guardanapo alimentos bonecas, prato e colher.



<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
	lhe a atenção; mas pedir-lhe que a ajude a trocá-la por outras cobertas limpas).	

Este foi o segundo ano de vida da criança; para o terceiro ano de vida, sugere-se que continuem a ser treinadas as atividades sugeridas para o primeiro e segundo ano de vida, e se acrescentem outras, seguindo uma graduação de dificuldades crescentes, pois ao findar o segundo ano de vida, a criança torna-se cada vez mais independente em seus hábitos, sua linguagem está começando a se estruturar, pelo desenvolvimento da sua melhor compreensão das coisas (desenvolvimento da área cognitiva).

Para o terceiro ano de vida, já se elaboram exercícios que exijam da criança um desenvolvimento maior nas áreas motoras, coordenando movimentos amplos, reagindo corretamente a estímulos sensoriais, coordenando esses estímulos a movimentos, para satisfazer suas necessidades básicas. Que adquira conceitos relativos ao esquema corporal, adquirindo mais elementos conceituais básicos na área cognitiva (noções temporal, espacial, de quantidade, de forma, peso, etc).

### 8.3. TERCEIRO ANO DE VIDA

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
3 ANOS: Socialização.	- Organizar passeios dentro da escola para que se familiarize com o local e o pessoal.	sucata de

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
	- Apresenta jogos (da casa, da escola) para que a criança seguindo indicações arme as peças.	(de caixa de fósforos)
	- Realizar mural com as figuras que se relacionem às peças da escola e de casa.	mural
- Participar de diversas festividades.	- Organização de festas para que as crianças participem (dançando ou dramatizando).	história fantasia música
	- Aprender a esperar sua vez nas diversas atividades apresentadas.	
	- Solicitar a participação das crianças na sala-de-aula (distribuir algum material, guloseimas, etc).	material escolar guloseimas
	- Apresentar gravuras alusivas a diversas festas e realizar cartazes.	gravuras cartazes
- Identificar os membros da família.	- Apresentar fotos dos membros familiares da criança.	fotos
	- Identificar papai, mamãe, irmãos, e depois vovô, vovó.	
	- Promover jogos de roupas da família.	jogos
- Expressar sentimentos de so-	- Desenvolver no momento que surjam oportunidades, ações de	



<u>Ob. Específico</u> .	<u>Atividades Sugeridas</u> .	<u>Recursos</u>
	- Caminhar seguindo linhas desenhadas no chão (fita crepe).	
	- Correr livremente, correr <u>com</u> petindo com outras crianças, <u>com</u> a professora, correr desviando obstáculos.	caixas molas cadeira banco.
	- Subir e descer de bancos, <u>ca</u> deiras, etc com ajuda.	
	- Pular com modelo; sem ajuda, de cima de tacos de madeira, imitando movimentos de corpo (coelho, girafa, etc).	tacos de madeira
	- Andar descalço sobre diversas superfícies afim de notar a <u>di</u> ferenças: na terra, no cimento, na grama, no tapete, etc.	areia chão, grama, tapete.
- Equilíbrio	- Andar sobre um murinho baixo, andar nas pontas dos pés, rasgar papel com os pés (no chão) andar equilibrando um objeto na cabeça.	muro baixo  jornal revista
	- Entrar e sair de uma caixa grande de papelão (depois diminuir gradativamente o tamanho da caixa, para aumentar a dificuldade).	caixa de papelão
- Estimular a percepção do esquema corpo-	- Continuar os exercícios dados no ano anterior: mostrar a <u>crian</u> ça no espelho falando as partes	espelho

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
ral.	do seu corpo. Fazer a criança identificar e mostrar na pessoa que está estimulando-a.	
	Identificar as partes do corpo humano na boneca, em gravuras,	boneca gravuras
	- Imitar movimentos para a conscientização do próprio corpo.	com o esquema corporal
- Estimular a proprioceptividade.	- Deitar a criança num jornal e tirar o contorno do seu corpo fazendo-a sentir onde toca o pincel atômico e ir falando o nome das partes.	jornal pincel atômico
- Associar elementos, ao esquema corporal	- Mostrar peças de roupas e a criança deverá apontar a parte do corpo que é usada: chapéu - cabeça; sapato - pé.	gravuras diversas
- Coordenar movimentos fonarticulatórios para a fala.	- Mamar; deglutir líquidos, - lambar: pirulito; elementos doces em volta dos lábios; gelatina no fundo de um copo raso, etc.	copo com água ou suco pirulito mel ou açúcar, gelatina
	- Sugar líquidos com canudinhos.	
	- Estalar lábios como se estivesse gostoso; vibrar com o	

<u>Ob. Específico</u> .	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
	automóvel; beijar, imitar o <u>ca</u> valo galopando (com a língua).	vela,
	- Soprar velas, bolas de iso- por; língua de sogra; penas, algodão, apitos, balões (ten- tar encher) etc.	pote de bolas de isopor, língua de sogra, apito, balões, etc
- Desenvolver a organização per <u>u</u> ceptiva:	- Brincar na areia livremente; encher e esvaziar baldes de areia.	balde areia giz de cera
- Visomotora	- Realizar pintura a dedo.	papel
	- Pintar livremente com giz de cera, em grandes folhas de pa- pel.	barro massa de
	- Modelar em argila e massa plástica.	modelar revistas
	- Rasgar papel e jornal com as mãos.	jornais cubos
	- Empilhar brinquedos e cubos. Abrir e fechar recipientes: gar- rafa, latas, pacotes, etc, com roscas e encaixes.	garrafa, lata, pacote.
	- Abotoar e desabotoar suas pró- prias roupas.	roupas
	- Transpor objetos de um canto para outro da sala.	brinquedos

<u>Ob. Específico</u> .	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
- Ativar a percepção gustativa e olfativa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atirar bolas, petecas, etc em um alvo na parede.</li> <li>- Seguir o movimento de fachos de luz, de brinquedos de corda etc.</li> <li>- Experimentar diversos sabores diferentes; doce, salgado, azedo, também um plástico e ver que não tem gosto.</li> <li>- Sentir os diferentes odores: vinagre, perfume, cebola, álcool, frutas, etc.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>peteca,</li> <li>bola, alvo</li> <li>lanterna</li> <li>brinquedo de corda.</li> <li>açúcar ou mel, sal, limão, etc.</li> <li>álcool,</li> <li>perfume,</li> <li>cebola,</li> <li>maçã,</li> <li>tangerina,</li> <li>etc.</li> </ul>
- Ativar a percepção táctil.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fazer a criança pegar em diversas texturas: lã, lixa, seda, brim, algodão, espuma, etc sentindo a diferença entre elas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>objetos de texturas diferentes</li> </ul>
- Desenvolver a percepção auditiva.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Brincar de jogos fonetizados provocando a emissão espontânea (escravos de jô; ou bota aqui o teu pezinho, etc).</li> <li>- Colocar uma fonte sonora num canto da sala e fazer a criança caminhar até ela.</li> <li>- Dançar ao som da música quando a música parar a criança para (presença e ausência de som)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>arcos para o; martelo para o pa.</li> <li>música</li> </ul>

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
	- Marchar ao som do tambor, rápido e devagar de acordo com o som tocado no mesmo.	tambor
	- Jogar bola de acordo com a batida do tambor (rápido e lento, etc).	bola
	- Bater palmas de acordo com o ritmo tocado.	
	- Associar o som das onomatopéias aos animais que o produzem.	gravuras de animais.
- Concentrar a atenção.	- Imitar movimentos ou gestos expressivos da professora: dar adeus, piscar, jogar beijos, dizer que sim, que não, etc. Imitar diversas expressões faciais.	
- Desenvolver a área cognitiva.	- Encontrar pessoas e objetos escondidos na sala, dentro ou fora da visão da criança para desenvolver-lhe a noção de permanência do objeto.	brinquedos
	- Desenvolver a intencionalidade da criança, procurando objetos-estímulos escondidos (bala, pirulito, balão, etc).	balas pirulito balão
- Desenvolver a capacidade de	- Usar jogos de encaixar com peças apropriadas, sendo uma	

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
discriminação e antecipação.	diferente pirâmide com argolas abertas e uma fechada).	
- Estimular a capacidade de ser agente de uma ação mecânica.	- Ensinar a criança a ligar ou dar corda num brinquedo que se movimente através da ação mecânica.	brinquedos de pilha ou de corda.
- Reconhecer a posição exata dos objetos no espaço. Levar a criança a perceber o efeito da gravidade sobre os objetos no espaço.	- Colocar objetos na sua posição normal (objeto estímulo colocado ao inverso). Ex.: boneco de cabeça para baixo.	boneca gravuras
- Estimular hábitos de alimentação.	- Exercícios de jogar bola ou objeto para derrubar outras peças adiante de si.	jogo de boliche
	- Exercitar boas maneiras ao comer: manter a boca fechada ao mastigar; mastigar bem os alimentos (mostrar o modelo). Ensiná-la a levar pequenas porções à boca. A comer frutas amassadas; a intercalar alimentos que não estejam no prato. Não sujar a mesa ao comer, não derramar os líquidos, etc. Elogiá-la quando conseguir.	comida colher prato guardanapo toalha copo

<u>Ob. Específico</u>	<u>Atividades Sugeridas</u>	<u>Recursos</u>
- Treinar sua in <u>de</u> pendência no ato de vestir.	- Identificar as roupas e os diferentes passos para vestir e despir. Deixá-la treinar sozinha várias vezes (variar a atividade, levando a frente do espelho e fazendo vestir-se com roupas da mamãe e do papai).	vestuário  espelho
	- Treinar a fazer laço, nó, etc para calçar os sapatos.	cordão de sapato
- Treinar hábitos de higiene pessoal.	- Após o treino da criança em lavar as mãos, escovar dentes, pentear o cabelo, iniciá-la no treino para banhar-se sozinha, tirar sua roupa, sentar na <u>ba</u> nheira, molhar a esponja, ens <u>bo</u> ar-se, enxaguar, desligar, e soltar a água e por fim enxu <u>gar</u> -se (esse trabalho <u>continua</u> rá a requerer a supervisão do pai ou professor).	pia, água, sabonete, banheira, esponja
- Hábitos de eliminação.	- Continuar a tarefa de ensi <u>nar</u> a criança a pedir para rea <u>lizar</u> suas necessidades fisiológicas, até que ela passe automaticamente a realizar a tarefa sozinha. Começar a ensiná-la a se limpar sozinha.	troninho ou vaso sanitário, papel higiênico

Este foi o terceiro ano de vida da criança.

Para os anos subsequentes, sugere-se que o treinamento, continue, sempre em graduação crescente das dificuldades, emba-sadas no treinamento feito nos três primeiros anos. Ao termi-nar o terceiro ano, a criança deverá ter maior comando da lin-guagem (mesmo que interior, e não expressiva). Já pode ser con-trolada por palavras. Seu campo de compreensão é bem mais am-plo; já começa a negar situações (eu não posso! eu não sei!). Seu desenvolvimento motor estará bem mais estruturado, podendo correr, pular, saltar; etc. Seu esquema corporal estará mais enriquecido, gostando muito de si próprio (adora se ver vesti-do de adulto, no espelho). Seus conceitos básicos estarão mais ampliados, pelo seu desenvolvimento na área cognitiva, pois co-meça a procurar e investigar questões.

Das proposições acima, sugere-se que ao elaborar um ou-tro programa de estimulação de 3 a 6 anos; sejam investigadas e avaliadas as etapas de desenvolvimento da criança até aí, a-fim de não haver prejuízos em nenhuma fase pela qual a criança deva ter passado.

## V. METODOLOGIA

Para se obter dados nesta pesquisa, utilizou-se a metodologia descritiva, embasada também em experiências realizadas, e análise dos resultados obtidos durante quinze anos de trabalho com o deficiente auditivo.

Entretanto as dificuldades encontradas, ocasionadas especificamente pela dupla deficiência e suas conseqüências, requerem uma validação rigorosa, impossível de ser realizada pela exiguidade de tempo.

Por isso, a proposta apresentada será um roteiro de trabalho para alcançar um nível melhor de desempenho da criança duplamente deficiente, requisito básico para o início de um trabalho científico. Sabe-se que a continuidade natural será a validação, análise dos resultados e avaliação para que se verifique a qualidade da proposta.

## VI. CONCLUSÃO

Apesar da importância da estimulação precoce, para crianças portadoras de dupla deficiência (mental e auditiva), poucos trabalhos tem sido realizados em nosso meio para pesquisar cientificamente os fatores de maior incidência; que vão desde os fatores biológicos, traumatismos de nascimento, estendendo-se aos aspectos sócio-culturais, com a finalidade de propor medidas necessárias para o desenvolvimento de programas específicos.

Constata-se que a criança portadora de uma deficiência, já é incapaz de enfrentar a vida normal se não for trabalhada; a criança surda, por exemplo; se não receber educação apropriada, não poderá estabelecer a sua comunicação natural com o meio ambiente, enfrentando e percebendo o mundo diferentemente.

Se ela trazer consigo associada outra deficiência (mental), o seu entrosamento e normalização de vida, tornar-se-á mais difícil ainda.

Logo, a Proposta aqui apresentada sugere para o atendimento da criança duplamente deficiente:

Aos pais que:

- Busquem apoio de orientação para aceitar naturalmente os problemas de seu filho, pois essa aceitação, é imprescindível para a auto-valorização da criança.

- Conscientizem-se do valor da estimulação precoce como meio de receber subsídios de trabalho com a criança, afim de torná-la o mais independente possível.
- Propiciem muito amor, dedicação e tenham real vontade de reabilitá-la.
- Procurem conhecer o trabalho realizado com a criança na escola, conscientizando-se dos prejuízos que ocorrerá para a criança se houver interrupção ou abandono do trabalho.
- Todo o trabalho de estimulação precoce tenha continuidade no lar, fator imprescindível para seu êxito.
- O ambiente do lar seja estimulante, para colaborar com as atividades desenvolvidas pela escola, pois quanto maiores forem os estímulos recebidos, mais possibilidades terão as crianças de vencer ou ver minoradas, suas deficiências nas áreas: cognitiva, perceptiva, motora, verbal, etc.

Aos professores que:

- Mantenham um relacionamento cordial com a criança deficiente, propiciando-lhe segurança.
- Desenvolvam uma proposta de trabalho, baseada na metodologia mais adequada para a criança, levando em conta suas diferenças individuais.
- Realizem revisões periódicas da programação proposta, corrigindo as falhas detectadas e anotando as dificuldades encontradas, para futuras reformulações.

A equipe multidisciplinar que:

- Realize o mais rápido possível, uma avaliação diagnóstica consciente, para evitar perda de tempo e prejuí-

jos à criança.

- Observe durante certo tempo (previamente delimitado pela equipe) o comportamento da criança na escola, afim de que o diagnóstico possa ser efetivado, dando à criança melhores condições para adaptar-se à escola e ao professor.
- Forneça uma orientação específica a cada criança, respeitando suas diferenças individuais.

A comunidade que:

- Oriente a população sobre a importância da estimulação precoce, da avaliação e intervenção nos primeiros anos de vida.
- Efetuem campanhas de prevenção às deficiências.
- Informem mesmo que de maneira elementar, sobre puericultura, imunizações, primeiros socorros, dieta equilibrada, e até sobre sugestões de como alimentar a criança conforme suas necessidades e desenvolvimento, para tentar evitar deficiências posteriores.

Sugere-se ainda, face a importância do problema, que sejam desenvolvidos outros estudos sobre o tema, e que se complemente a proposta aqui apresentada, face a experimentação.

## VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABADI, Alberto et alii. Ajúdale en su segundo año de vida. Caracas, Ediciones Fundación Neumann, 1982.
2. ALVES, Tamir Bárbara. Manual Prático de Psicomotricidade. Porto União, SC, UNIPORTO Gráfica e Editora Ltda, 1981.
3. APAE. Centro de Estimulação Precoce. Centro de Habilitação. Estimulação Precoce - Guia de Orientação a pais. São Paulo, 1985.
4. CARMICHAEL. Psicologia da criança. O primeiro ano de vida e as experiências iniciais. São Paulo, Editora Universidade de São Paulo, 1975. Volume 2. p. 73.
5. CRUICKSHANK, W.M. & JOHNSON, O.G. A educação da criança e do jovem excepcional. Porto Alegre, Globo, 1975. 2v. 386p.
6. DERDIC - PUCSP, Proposta Curricular para Deficientes Auditivos. Brasília, Departamento de Documentação e Divulgação, 1979. V. VII, 243p.
7. DORIA, Ana Rímoli de Faria. Compêndio de Educação da Criança Surdo-Muda, Rio de Janeiro, INES, 1958, 2e, 224p.
8. DUNN, L. M. Crianças excepcionais, seus problemas, sua educação. Rio Grande do Sul, Ao Livro Técnico, 1975. 2v. 471p.
9. ESCOLA ECUMÊNICA. SEC. Proposta curricular para estimulação precoce de 0 a 6 anos em dupla deficiência; Mental e Auditiva. Curitiba, Escola Ecumênica, 1986 (in mimeo).
10. FLEMING, Juanita W. A criança excepcional, diagnóstico e tratamento. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora S/A, 1978.
11. FILLOUX, Jean C. A Personalidade. São Paulo, Difusão Européia do Livro. 1960. pg. 31.
12. LAUNAY, Cl. et alii. Distúrbios da linguagem da fala e da voz na infância. Trad. Dr<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Eugênia de Oliveira Viana. São Paulo, 1986, Livraria Roca Ltda. 2e.
13. LEITE, Dante Moreira. O desenvolvimento da criança. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972, vol. 109, pg. 139. 336p.
14. LORENZO, Eloísa Garcia Etchegoyhen. Estimulación Precoz - accion preventiva y remedial. Foz do Iguaçu, 1976 (apresentado no Seminário sobre "Planejamento da Integração no atendimento aos Excepcionais. (in mimeo).

15. LOURIC, Mladen. Programa de Estimulação Precoce da psicomotricidade de crianças de 1 a 12 meses. Curitiba, Escola para surdos Epheta, 1980 (in mimeo).
16. LOURIC, Mladen. Programa de trabalho através da estimulação dos movimentos, na reabilitação dos deficientes da audição, Curitiba, Escola para Surdos Epheta, 1976 (in mimeo).
17. MACHADO, Maria Therezinha de Carvalho et alii. Ensinando crianças excepcionais. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1971, 3e.
18. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. CENESP. Proposta curricular para deficientes mentais educáveis. Brasília, 1979.
19. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. CENESP. Estimulação Precoce. São Paulo, APAE, 1975.
20. NOT, Luis. Educação dos Deficientes Mentais. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora S/A . 1975.
21. NOVAES, Maria Helena et alii. Educação especial. Atuais desafios. Rio de Janeiro, Interamericana, 1980.
22. OATES, Eugênio. Linguagem das mãos, Rio de Janeiro, Gráfica Editora Livro S.A., 1969, 325p.
23. PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro, Companhia Editora Forense, 1969.
24. PIAGET, Jean et alii. A Psicologia da criança. São Paulo, DIFEL, 1978, 5e. p. 12.
25. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. Proposta curricular para deficientes auditivos. São Paulo, 1975.
26. POPPOVIC, Ana Maria et alii. Prontidão para a alfabetização - programa para o desenvolvimento das funções específicas. São Paulo, Editora Vetor, 1966.
27. QUEIRÓZ, Aidyl M. de et alii. Educação Especial - modelos de serviços para o Educando com Retardo Mental. Projeto MINIPLAN. APAE. CENESP. São Paulo, 1979.
28. TELFORD, Charles W. et alii. O indivíduo excepcional. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
29. VAYER, P. A criança diante do mundo na idade da aprendizagem escolar. Porto Alegre, Editora Artes Médicas. 1982, p.37, 279p.